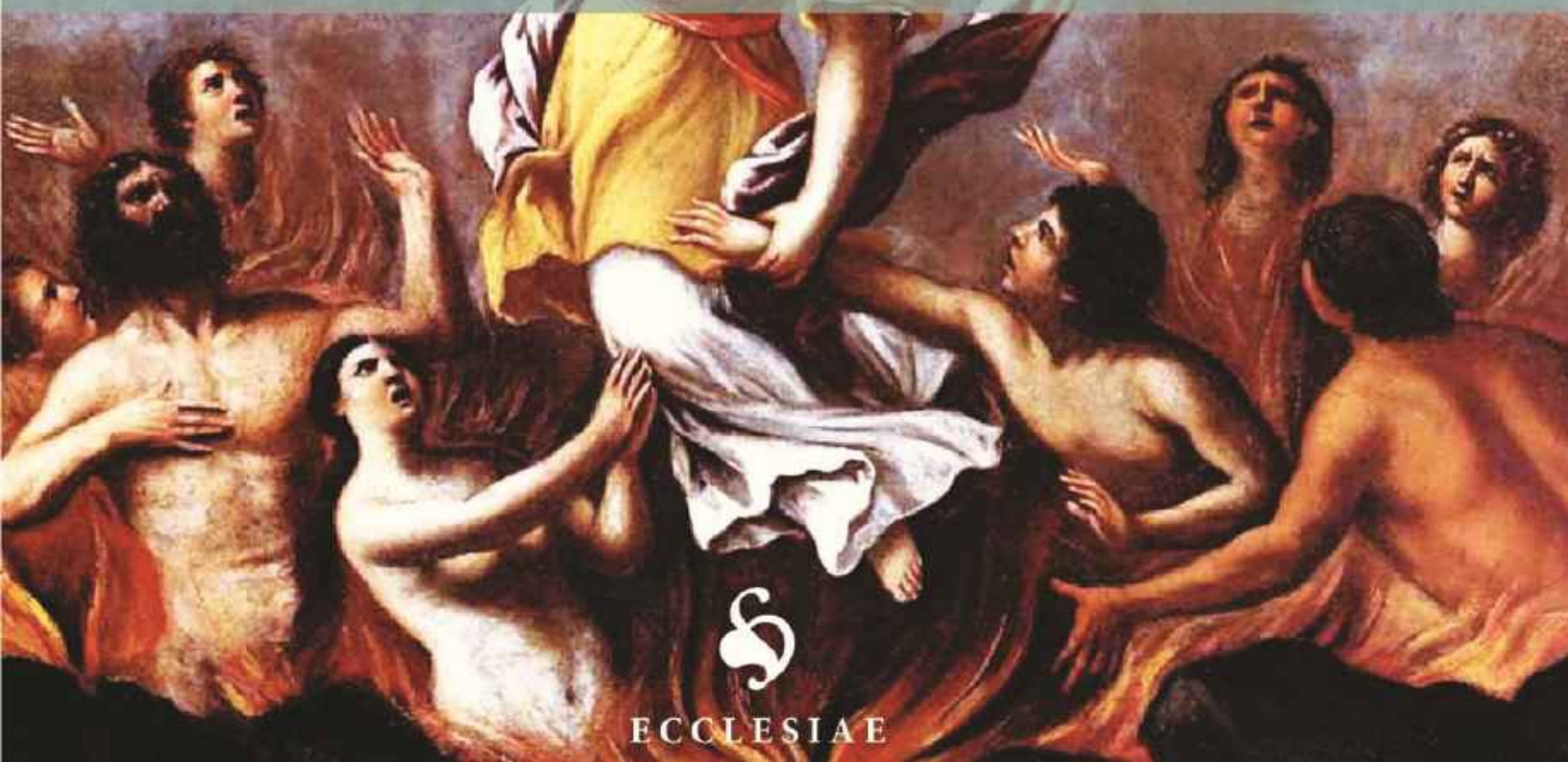




O PURGATÓRIO

PADRE FREDERICK WILLIAM FABER



ECCLESIAE



O PURGATÓRIO

PADRE FREDERICK WILLIAM FABER



ECCLESIAE

O PURGATÓRIO

PADRE FREDERICK WILLIAM FABER

Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo



ECCLESIAE

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Nota biográfica

Prefácio

Oração pelas almas do purgatório

Capítulo I - O pensamento acerca do inferno

Capítulo II - Devoção às almas do purgatório

Rezar pelos pecadores ou pelas santas almas?

Santa Teresa de Ávila

Mundo dos sentidos; mundo do espírito

O poder que Deus nos deu sobre os mortos

Duas visões do Purgatório

Capítulo III - Primeira visão: o purgatório é similar ao inferno

O santo temor de ofender a Deus

Capítulo IV - Segunda visão: o desejo das almas por purificação

A beleza das pobres almas

O anseio por Deus das almas sofredoras

Perfeito amor a Jesus e Maria

O ensinamento de Santa Catarina de Gênova

Desejo de purificação

Pena de dano

Pena dos sentidos

Alegria no Purgatório

Falsa confiança

A doutora do Purgatório

Capítulo V - A união das duas visões do purgatório

A duração do sofrimento

Faltas «triviais»

O desamparo das pobres almas

A eterna pureza de Deus

Revolta contra o pensamento do Purgatório

Nosso poder de auxiliar as pobres almas

Capítulo VI - Outros benefícios da devoção às almas do purgatório

A devoção às santas almas honra a sagrada humanidade de Jesus

Nossa Senhora, os anjos, os santos padroeiros, os fundadores

Nossa caridade para com as pobres almas; e os benefícios para com as
nossas próprias

Fé, esperança e caridade

Fé

Esperança

Caridade

Efeitos dessa devoção na vida espiritual

Excelentes efeitos dessa devoção

Capítulo VII - O exemplo dos santos

Experiências da Irmã Marie-Denise de Martignat

O príncipe que morreu num duelo

Merecendo o Inferno

Os sofrimentos de Marie-Denise pela alma do príncipe

Alívio da pobreza por meio do auxílio às pobres almas

O imenso amor de Deus

Apêndice - Orações e súplicas pelas almas do purgatório

Passeios pelo Purgatório

Prática cotidiana

Ato heróico de caridade em favor das almas do purgatório

Foto do Autor

Créditos

Sobre o Autor e a Obra

NOTA BIOGRÁFICA

Padre Frederick William Faber, C.O., nasceu em 28 de junho de 1814, em Calverley, Yorkshire, em cuja paróquia anglicana seu avô, Thomas Faber, era vigário. Seu pai serviu ao bispo local da igreja da Inglaterra, como seu secretário. Ele morreu em Londres, em odor de santidade e no seio da Igreja Católica, em 26 de setembro de 1863, e está enterrado no cemitério de Sydenham.

Como criança, Pe. Faber era muito amável, de fácil trato, ardente e impulsivo, sempre muito determinado com suas tarefas. Ele foi criado numa família de tendências calvinistas, tendências estas que tiveram muita influência em seu caráter, nos seus primeiros anos de Oxford.

Depois de uma formação básica, matricula-se, em 1832, em Oxford, na faculdade Balliol, que receberá décadas mais tarde outro grande católico inglês, Hilaire Belloc. Segundo W. Hall-Patch, um de seus biógrafos, ele poderia ser descrito nestes anos como «de aparência cativante, com um discurso fascinante, muito amável, levando uma vida plena de alegria, inocência e pureza». Acrescenta ainda o biógrafo que esta descrição é aplicável a todas as fases de sua vida. Como grande poeta e compositor de hinos devocionais, ele como que documenta toda a sua vida por meio de sua obra poética. «Eu Vos adoro, doce vontade de Deus» pode ser considerado o refrão de sua curta e movimentada vida. De sua infância temos esta bela declaração:

*How wonderful Creationis!
The work that Thou didst bless;
And, O what then must Thou be like,
Eternal loveliness.* [1]

Os anos de Pe. Faber em Oxford se confundem com os primeiros anos do Movimento Tractariano, ou Movimento de Oxford, que teve uma profunda influência nesse jovem intelectual anglicano. Não se entenderá a conversão de Pe. Faber ao catolicismo, nem tampouco a de muitos grandes nomes do

catolicismo inglês do século XIX, sem um entendimento do que foi tal movimento surgido do seio da igreja anglicana.

A igreja da Inglaterra se subdivide em três partes. A *Low Church*, Igreja Baixa, tende a frisar o caráter protestante do anglicanismo; é um grupo evangélico. Os liberais, racionalistas e latitudinaristas, que desdenham o dogma, formam a *Broad Church*, a Igreja Ampla. A *High Church*, Igreja Alta, se divide em anglo-católicos e ritualistas e admite a influência católica, particularmente no culto público. É desta última porção da igreja da Inglaterra que surge o Movimento de Oxford, que nasceu como uma tendência a insuflar na velha universidade, cuja origem é católica, um espírito mais romano.

O Movimento de Oxford, cujo líder incontestável era John Henry Newman, se insurgia contra o racionalismo,[2] o liberalismo[3] e o erascianismo[4] dentro da igreja anglicana. Ele se constituiu essencialmente numa renovação da vida espiritual dentro da comunidade anglicana. E não deixa de ser irônico, mas completamente lógico, que quanto mais o movimento lutava contra estes três males, mais se aproximava da Igreja Católica, que é, de fato, o único inimigo de todos os males do mundo. Tal aproximação não foi suave; basta notar que Newman, grande orador de Oxford, era inicialmente um arraigado anti-papista. À medida que os membros do Movimento de Oxford foram afinando as armas na luta contra os males do momento, mais iam descobrindo que tais armas já se encontravam num depósito muito mais antigo que o da igreja da Inglaterra; estavam no *Depositum Fidei*, em Roma.

Todo esse movimento foi acompanhado ansiosamente por Pe. Faber, que estava no centro nevrálgico das ações: Oxford. No início, suas origens calvinistas o fizeram resistir às tendências do movimento. No primeiro dia de 1834, ele escreve:

A transubstanciação tem me incomodado, não que eu me incline a ela; mas é que não lhe encontro nenhuma refutação.

Pe. Faber também escreve muito sobre Newman em sua vasta correspondência, primeiramente para criticá-lo:

Creio que ele [Newman] sentou-se aos pés de filósofos contemplativos, com uma humildade não evangélica, e que ele embebeu-se de suas noções.

Com o tempo, Pe. Faber, ainda um forte partidário dos princípios anglicanos, aproxima-se de Newman, tornando-se um grande admirador. Em

carta, ele registra:

Venho de uma aula magnífica [de Newman contra a Igreja Romana] acerca da prerrogativa de São Pedro. Ele admite o texto em sua integral literalidade e mostra que este não contribui um iota em apoio à jurisdição do Bispo de Roma.

Isto já era em 1836, depois de Pe. Faber ter se tornado um eminente acadêmico, membro da *Union Debating Society*, ganhado notoriedade entre os grandes da época. Ele escreve artigos para revistas e muita poesia. Em 1835, ganha o prêmio Newdigate, com o poema «Os cavaleiros de São João». Suas habilidades poéticas o fazem amigo de William Wordsworth, grande poeta inglês. Quando ele contou, mais tarde, a Wordsworth suas intenções de se tornar um clérigo da igreja anglicana, o poeta teria dito: «Não sei se você está errado, mas sei que a Inglaterra perderá um poeta».

Isto ocorreu pouco antes de agosto de 1837, quando ele foi ordenado diácono da igreja da Inglaterra, na Igreja de São Vilfrido, em Ripon. Em 1839, ele foi ordenado padre pelo bispo anglicano Bagot. Já um grande admirador de Newman e outros tractarianos, ele escreve a um amigo:

Creio que você muito apreciará as aulas de Newman. Elas me dão o que há muito esperava – afirmações claras e positivas dos princípios anglicanos.

Ambos estão ainda longe intelectualmente da Igreja Católica, mas seus corações e suas devoções se aproximavam perigosamente de Roma.

A vida paroquial anglicana de Pe. Faber foi muito agitada; seu trabalho provocou um aumento expressivo de fiéis nas celebrações e sua produção poética continuava estável, tendo ele publicado, em 1840, uma coletânea de poemas. O ano de 1841 foi um ano de viagens para Pe. Faber. Em Dresden, ele ficou chocado com o «domingo luterano». Depois de ir à missa, ele caminhou pela cidade, e declarou que nunca tinha visto, em nenhuma capital católica, um domingo tão «pavorosamente profanado»:

Nunca vi cena tão profana. Ninguém que não tenha viajado ao exterior e ouvido, visto e investigado por si mesmo, acreditaria no extenso sistema de mentiras alimentado pelos escritores ingleses, compiladores de panfletos e discursadores do Exeter Hall, acerca dos católicos romanos no exterior. Esses estúpidos investigadores raspam os esgotos da Inglaterra para moldar a Igreja de Roma com suas abundantes profanações.

Esta não deixa de ser uma precoce defesa da Igreja Católica feita por um, ainda, clérigo anglicano.

Estas viagens tiveram, de qualquer forma, uma importância fundamental na conversão de Pe. Faber, pois ele foi também a Roma, para ver o trabalho caritativo de várias organizações da Igreja Católica. Anos depois, ele se refere à visita a uma sala em que São Filipe Néri usava para celebrar missa, em Chiesa Nuova:

Eu, um protestante forasteiro naquela sala anos atrás, nem sonhava que faria parte da família do santo, ou que o padre oratoriano que me acompanhava, em poucos anos, seria nomeado pelo Papa o mestre de noviços oratorianos ingleses.

Em 17 de junho, uma audiência com o Santo Padre é assim descrita:

Ao entrar, eu me ajoelhei, e novamente a pouca distância dele, e finalmente à sua frente; ele estendeu a mão, mas eu beijei-lhe os pés. Ele falou, com desgosto e surpresa, da suspensão do Dr. Pusey por defender a doutrina católica da Eucaristia e me disse: «O senhor não deve se enganar desejando a unidade, e ao mesmo tempo querendo que a *Igreja* se mova...». Ele posou suas mãos em meus ombros e eu imediatamente me ajoelhei; em seguida ele as pousou em minha cabeça e disse: «Que a graça de Deus corresponda a vossos bons propósitos, e vos liberte das redes do anglicanismo, e vos traga à verdadeira Santa Igreja». Eu deixei o recinto quase em lágrimas... Lembrarei o dia de Santo Albano, de 1843, até o final de minha vida.

O Papa era Gregório XVI, que ainda receberia Pe. Faber, agora um recém convertido, bem no final de seu pontificado, três anos depois, quando seria, pouco depois, sucedido por Pio IX.

A partir desse momento, Pe. Faber estava praticamente convencido da verdade da alegação da Igreja Católica; ele mesmo admitia ter se tornado «muito, muito, muito romano». Retornou então à sua igreja de Elton, que tinha assumido como pároco em 1842, decidido a modelar seu trabalho inspirado no que dizia ser o espírito de São Filipe Néri e Santo Afonso de Ligório. O resultado foi que a capela vizinha ficou quase vazia e os jovens começaram a comungar freqüentemente, e até mesmo confissões eram ouvidas. Ou seja, a paróquia de Elton, embora anglicana, estava se assemelhando muito a uma paróquia católica. Em 1845, aconteceu a conversão de John Henry Newman e de muitos amigos de Pe. Faber. Isto foi para ele a gota d'água. Em 16 de novembro, um domingo, ele subiu ao púlpito e declarou, em poucas palavras, que já não podia ensinar a seus ouvintes as doutrinas da igreja da Inglaterra, que estava convencido de que teria de ir aonde a verdade estivesse. Depois disso, ele deixou o púlpito

rapidamente, jogando ao chão a sobrepeliz e indo direto para seus aposentos. Na manhã seguinte, ele e alguns de seus paroquianos, que resolveram segui-lo, deixaram Elton. Eles foram recebidos, na mesma noite, pelo Bispo Waring e Pe. Kennedy numa igreja de Northampton, e lá fizeram a primeira comunhão.

Esta pequena comunidade foi acolhida por Mons. Wiseman, em Brimingham, que desejava logo ordenar Pe. Faber como padre católico. Contudo, Pe. Faber recusou, aceitando apenas a oferta de acolhimento da pequena comunidade de leigos que estava agora sob sua direção. A regra da comunidade se assemelhava à da Congregação de São Filipe Néri e na pequena casa disponibilizada por Mons. Wiseman eles viviam uma vida ascética, mas alegre. Pe. Faber, sabendo que não podia viver por muito tempo naquela situação, decidiu ir a Roma em busca de apoio à sua comunidade de monges leigos. Lá é recebido novamente por Gregório XVI que o abençoou e lhe disse para, em sua volta, converter tanto de seus amigos anglicanos quanto possível.

A comunidade do Pe. Faber ainda iria se mudar para uma casa maior e iria por alguns anos realizar um trabalho muito apreciado, porém repleto de dificuldades. Do lado dos protestantes, eles eram desafiados cotidianamente em discussões sem fim, bem ao gosto dos filhos de Lutero, Calvino e Henrique VIII. Do lado dos católicos ingleses, eles eram mal vistos pela sua «excessiva» devoção à Virgem Maria, que nesta época era cristalizada na reza cotidiana do Rosário das Sete Dores de Maria; eles eram acusados de «mariolatria».

A comunidade devia, por estas e outras razões, se revestir de autoridade eclesiástica para poder sobreviver. Isto foi conseguido de dois modos. Primeiramente, Pe. Faber foi ordenado padre católico em 1847. Em segundo lugar, depois de idas e vindas, o Bispo Wiseman conseguiu do Papa Pio IX a autorização para fundar um Oratório de São Filipe Néri na Inglaterra. Embora, o bispo desejasse fundá-lo em Londres, sob sua jurisdição, o breve papal mencionava Birmingham e o Oratório desta cidade foi então entregue a Newman. Pe. Faber solicita então ao Bispo Wiseman a autorização de se juntar, ele e sua comunidade ao Oratório de Birmingham, o que é concedido. Contudo, o número dos convertidos que desejavam ser recebidos no Oratório era tão grande em Londres, que foi decidido que uma Casa de São Filipe Néri deveria ser aberta em Londres, ficando sob a direção de Pe. Faber; assim

nasce, em 1849, o Oratório de Londres, do qual Pe. Faber será superior até sua morte.

O Oratório de Londres, sob o comando de seu superior se tornou um centro extraordinário de conversões, de instrução, de devoção e de vida católica. W. Hall-Patch descreve assim a situação:

São Filipe chegou a Londres, e fazia seu trabalho como o fizera em Roma. Os convertidos estavam afluindo aos borbotões à Igreja. Homens de quase todas as profissões, e mesmo sem nenhuma, vinham ao Oratório para instrução; doutores, advogados e militares estavam sendo recebidos semanalmente; as comunhões alcançavam o número de quinhentas por semana, o que, para uma Igreja em Londres, estabelecida tão tardiamente, era um grande número, naqueles dias.

Pe. Faber, além de superior do Oratório, foi por anos mestre dos noviços, e por anos sofreu com ataques dolorosos de nefrite. Com tudo isso, ele escreveu uma obra teológico-devocional impressionante. Alguns o consideram o maior escritor místico do século XIX. Pouco depois de sua morte, em 1864, o *Dublin Review* diria dele o seguinte:

Não conhecemos ninguém que tenha feito mais para que seus contemporâneos amassem a Deus e aspirassem ao elevado caminho da vida interior; e não conhecemos ninguém que tão intimamente represente para nós a mentalidade e a pregação de São Bernardo e de São Bernardino de Sena, na ternura e beleza com que cercou os nomes de Jesus e Maria.

Entre janeiro de 1853 a dezembro de 1860, Pe. Faber publica a maior parte de seus extraordinários livros. Ele escrevia rapidamente e seus manuscritos raramente necessitavam de alguma correção antes de serem enviados para a impressão. Eram compostos em folhas de papel colorido, cobertos de linhas com belas letras, e lembram mais cópias de textos prontos que obras originais, freqüentemente repletas de complexas questões teológicas que exigiam o mais cuidadoso tratamento.

A primeira obra, que estabeleceu a reputação de Pe. Faber como escritor, foi *Tudo por Jesus*, que foi escrita em seis semanas e publicada em julho de 1853. O subtítulo do livro é «Os caminhos fáceis do amor de Deus», o que talvez explique seu apelo popular. Ele teve sucesso imediato e suas vendas e traduções que recebeu foram admiráveis.

A segunda obra de Pe. Faber apareceu no final de 1854 e se intitulou: *Crescimento na santidade*; ou *O progresso na vida espiritual*. Este livro teria

sido o segundo volume de uma trilogia sobre a vida espiritual e o discernimento dos espíritos que, infelizmente para todos nós, não se realizou; o primeiro volume da trilogia se intitularia «Primeiros fervores» e o terceiro, *O portão do Paraíso*.

Sobre Pe. Faber e sua obra, mas especialmente sobre *O progresso na vida espiritual*, o abade de Solesmes, escreveu:

Uma sólida teologia lhe permite falar competentemente de seus mistérios, uma fé escrupulosamente ortodoxa guia sua mente em segurança através das pedras espalhadas em seu caminho, um profundo e meditado estudo de livros ascéticos e místicos de todas as escolas dirige retamente seu curso no mundo que está muito acima do mundo da natureza, uma íntima familiaridade com a vida dos santos lhe revela os segredos da graça, e uma completa humildade o acompanha durante toda a sua carreira de escritor espiritual.

Na festa de Corpus Christi de 1855, aparece *Santíssimo Sacramento*, ou *As obras e caminhos de Deus*. Segundo o autor, o livro foi escrito «para popularizar certas partes da ciência da teologia, do mesmo modo que manuais têm popularizado a astronomia, a geologia e outras ciências físicas». Segundo seu biógrafo, Pe. Bowden, esta obra contém as mais belas passagens escritas por Pe. Faber.

O próximo livro aparece na quaresma de 1858 e é intitulado *Pé da cruz*, ou *As dores de Maria*. Esta seria a primeira de um conjunto planejado de obras, sobre a Paixão de Nosso Senhor que, contudo, nunca foi terminado. Numa nota sobre este livro, que apareceu na *Civiltà Cattolica* em janeiro de 1867, órgão dos mais importantes escritores da Companhia de Jesus, Pe. Faber é caracterizado como

um eloqüente escritor de obras ascéticas, que une uma elevada devoção mística ao mais profundo conhecimento teológico. Consideramos este um dos melhores livros publicados sobre as dores de Maria. Nele se encontrarão as mais notáveis características da vida de Maria, as mais belas reflexões acerca da Paixão de nosso divino Redentor, além de grande clareza de doutrina, valiosos ensinamentos sobre a vida cristã e investigações de grande sutileza a respeito da matéria principal do livro.

Este livro, ainda sem tradução em português, é um clássico da mariologia e juntamente com do *Tratado da verdadeira devoção à Virgem Santíssima*, de São Luís de Montfort,[5] do *Meditações sobre os principais mistérios da Virgem Santíssima Senhora Nossa*, de Pe. Manuel Bernardes – também um

filho de São Filipe Néri –, e do *Glórias de Maria*, de Santo Afonso de Ligório, constituem os escritos marianos mais extraordinários que existem, depois das obras de São Bernardo.

No início de 1859, aparece *Conferências espirituais*, que é a compilação dos principais sermões de Pe. Faber. A beleza de suas palavras dá bem a idéia do que devem ter sido seus sermões no Oratório de Londres.

Na quaresma de 1860, é publicado *O sangue precioso*, ou *O preço de nossa salvação*. No último capítulo do livro, o autor sumariza sua obra:

Começamos refletindo sobre o mistério do precioso sangue, porque toda devoção tem melhor começo com uma doutrina. As coisas inacreditáveis acerca do amor de Deus se tornam mais críveis quando a elas nos inclinamos como dogmas. É também muito necessário começar numa doutrina no caso de uma devoção que alega ser também uma adoração.

Palavras claras e, ao mesmo tempo, repletas de unção são características do estilo do grande padre oratoriano. Este livro também não foi jamais traduzido para nossa língua.

O último livro de Pe. Faber aparece no começo do advento de 1860 e é intitulado *Belém*. Ele é um tratado sobre os mistérios da sagrada infância. O autor costumava dizer que escreveu todos os outros livros para agradar aos outros, mas *Belém* foi escrito para lhe agradar.

Estes são os principais livros escritos por Pe. Faber entre 1853 e 1860, mas não os únicos; há ainda coletâneas poéticas e de hinos, e alguns outros escritos esparsos.

Embora a saúde do superior do Oratório de Londres nunca tenha sido muito boa, em abril de 1863, ela começou a declinar visivelmente, depois de ter sido diagnosticado que o mal que o atacava era mesmo nefrite. Em 16 de junho, ele recebeu a extrema unção, ocasião em que pediu perdão à toda comunidade oratoriana:

Desejo pedir perdão especialmente aos membros da comunidade; pois, tem me faltado humildade, bondade e caridade. Peço perdão a todos. Obrigado a todos vocês.

Em 14 de julho, Pe. Faber recebe a visita do agora eminente Cardeal Wiseman, que veio se despedir dele. No final de julho foi a vez do Cardeal John Henry Newman vir dizer-lhe adeus.

Sua saúde continuou no mesmo estado precário durante o mês de agosto, mas piorou no início de setembro. Mesmo assim ele recebeu a comunhão diária até 24 de setembro. Em 25 de setembro, o declínio físico de Pe. Faber foi perceptível a todos e a comunidade começou a se preparar, depois da meia-noite, para seus últimos momentos. Pouco depois das sete horas da manhã e depois de ter sido rezada uma missa em sua intenção, Pe. Faber entregou sua alma a Deus.

A morte de Pe. Faber foi sentida, não apenas pelos católicos ingleses, mas também pelos franceses e por todos os seus admiradores em todo o mundo. Em pouco menos de quinze anos, este humilde padre oratoriano construiu não só um centro extraordinário de devoção, de instrução e de conversão católica, como uma obra teológico-devocional admirável, que tem sido apreciada por quantos a tenham lido e estudado.

O livro que se segue, sobre o Purgatório, foi originalmente publicado como o capítulo IX do livro *Tudo por Jesus*.

ANTÔNIO EMÍLIO ANGUETH DE ARAÚJO

¹ Como é maravilhosa a Criação!/O trabalho que Vós abençoastes;/E, ó como então deve ser Vossa Face,/Bondade eterna – NT.

² Doutrina irracional que atribui à razão humana a fonte única e a prova final da verdade – NT.

³ Um sistema multiforme ou um conjunto de doutrina que advoga a emancipação do homem no terreno sobrenatural e moral, e na ordem divino-positiva – NT.

⁴ Doutrina que sujeita a Igreja à jurisdição do Estado – NT.

⁵ Tratado que Pe. Faber traduziu para o inglês, fazendo uma introdução ao livro, que atualmente é usada como introdução à edição brasileira da obra – NT.

PREFÁCIO

A alma de poeta do nosso autor, Pe. Frederick William Faber, foi providencialmente temperada por um grande afã de servir a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Esposa fiel, a santa Igreja, e ao mesmo tempo pela virtude da religião, cujo exercício heróico – em toda sua vida – produziu frutos de piedade e grande devoção. Era um inglês de sangue mediterrâneo e alma romana, ainda quando era anglicano.

Naturalmente, por seu temperamento, dado às exagerações, Pe. Faber não foi certamente um homem com quem a convivência fosse fácil. Mas é verdade também que da vida dos santos, principalmente daqueles que por Deus foram chamados a fundar congregações e ordens na Igreja, depreende-se facilmente que, via de regra, aqueles foram homens de personalidade forte, e quando não de pulso firme, homens de decisão inflexível, dobrando-se apenas à vontade de Deus; intolerantes consigo próprios, mas mansos e misericordiosos com o próximo; intransigentes com a cupidez e os ditames do mundo, mas movidos em tudo pela compaixão com o sofrimento do pecador; incansáveis na obra da salvação das almas, sem querer guardar nada para si de todos os dons que recebeu de Deus, a começar por sua vida e seu tempo. E Pe. Faber em nada fugiu a esta regra.

O fundador e primeiro prepósito do Oratório de São Filipe Néri em Londres, reuniu em torno de si um grupo muito seletivo – e variado – de homens que, como ele, estavam dispostos a tudo perder para ganhar a Cristo. Quando ainda anglicano, Faber já irradiava paixão pelas coisas de Deus, zelo pelo próximo e muito bom humor – apesar da sua educação marcada pelo calvinismo. Especialmente aos mais jovens, o seu carisma era atraente. Ele, por sua vez, na flor dos seus trinta anos de idade, guiava-se pela fascinante figura e personalidade do Beato Newman.

Enquanto Newman esperava no recolhimento silencioso de Littlemore, entre muito estudo e oração, a luz que lhe vencesse e convertesse à fé católica, Faber se recusava a tomar qualquer decisão quanto a fazer-se católico. Estamos em 1845, mas desde 1843, quando esteve em Roma – e

ainda era anglicano –, Faber já se encantara por São Filipe Néri, fundador do Oratório, e por Santo Afonso Maria de Ligório, fundador dos Redentoristas. Ele havia se dado, em silêncio, três anos para meditar sobre tornar-se ou não católico. Porém, quando soube da conversão de Newman – e Faber era o discípulo que amava Newman –, apesar de confuso, viu desimpedido o caminho que começara a trilhar em seu coração desde 1843. Assim, em 17 de novembro, aos 31 anos de idade, Faber é recebido na Igreja Católica pelo Bispo Dom Wareing, de Northampton, junto ao seu amigo Francis Knox e outros sete jovens. A fecundidade será uma nota característica da vida deste santo homem, característica esta tão bem sintetizada pelo Papa Emérito Bento XVI, quando escreveu que

nenhum homem é uma mônada fechada em si mesma. As nossas vidas estão em profunda comunhão entre si; através de numerosas interações, estão concatenadas uma com a outra. Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, digo, faço e realizo. E, vice-versa, a minha vida entra na dos outros: tanto para o mal como para o bem (Spes Salvi, n. 48).

Sim, a fecundidade de Faber é fruto do seu zelo apostólico. Nalgum momento ele mesmo escreverá que

como filho de São Filipe, tenho de lidar com o mundo, isto é, como as pessoas que vivem em meio ao mundo e que procuram ser virtuosas, santificando-se dentro das condições ordinárias da vida.

Eis aí todo o programa espiritual e apostólico do Pe. Faber, que o mesmo Papa Emérito, no Ângelus de 1º de novembro de 2011, resumiu nestas palavras:

Todas as condições de vida podem se tornar, mediante a obra da graça e com o compromisso e a perseverança de cada um, caminhos de santificação.

É São Francisco de Sales que passará na história como grande propagador desta escola espiritual. No século passado ela foi tomada como *leitmotiv* por São Josemaría Escrivá para a Opus Dei. Mas já desde o século XVI, graças a São Filipe Néri, este é o âmago de todo empenho apostólico do Oratório. Aliás, nem todos sabem, mas São Francisco de Sales, pouco antes de ser nomeado Bispo de Genebra, fez-se oratoriano, e mais que isso: fundador e primeiro prepósito do Oratório de Thonon-les-Bains, atualmente na Savóia francesa.

Verdadeiramente em nossa época «vai-se constituindo uma *ditadura do relativismo* que nada reconhece como definitivo e que toma como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades», destacava em 2005 o então Cardeal Joseph Ratzinger.[6] Mais tarde o mesmo, já Papa Bento XVI, explicava que esse relativismo, «segundo o qual tudo equivale e não existe verdade alguma, nem qualquer ponto de referência absoluto, não gera a verdadeira liberdade, mas instabilidade, desorientação, conformismo às modas do momento», [7] e «ameaça ofuscar a verdade imutável a respeito da natureza do homem, do seu destino e do seu bem derradeiro».[8] Essa doutrina, muito difundida em nossos dias, representa uma visão redutiva da realidade ao «afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo».[9]

Um homem cuja medida da sua existência é a técnica, é um homem condenado aos limites da sua técnica; condenado aos seus limites, condenado a si próprio. E como não é natural que encontre toda a sua satisfação em si mesmo, este homem está condenado à sua insatisfação; e finalmente, à solidão, à angústia e também ao desespero. Porque a liberdade e a dignidade humanas não são bens que se possam viver pela metade. Ou tudo ou nada! É impossível ao homem construir sua vida com dignidade e, ao mesmo tempo, mantê-la em liberdade sob o relativismo, que reduz o homem à total dependência de si próprio, ou seja, à escravidão de si próprio.

Por outro lado, é o Filho do Homem quem diz que «a Verdade vos fará livres». [Jo 8,32]

Os muros de um claustro, do ponto de vista da técnica, podem até se parecer com os muros de uma prisão. Diz-se que a diferença entre eles é que a prisão é um lugar em que se entra facilmente, e donde só muito dificilmente se sai; já o claustro dum convento ou monastério, é um lugar em que se entra só muito dificilmente, e donde se sai à hora que se quer. Esta pequena anedota pretende ilustrar a diferença substancial entre esses muros: enquanto na prisão vive-se privado da liberdade, no claustro vive-se a liberdade em sua plenitude.

Aqui há um perfeito paralelo com o dogma, contra o qual o relativismo se perfila como arqu-inimigo. Enquanto o relativismo nega a existência de toda verdade que se pretenda independente da técnica humana, o dogma é uma verdade absoluta – e no sentido mais técnico do termo – completamente independente do homem, revelada por Deus e ensinada pela Igreja. O *dogma*,

portanto, é como aquele muro que abraça o claustro: dentro dos seus limites, vive-se a liberdade em plenitude.

Um dos dogmas da nossa fé que mais ataques sofreu desde a revolução protestante, e que hoje anda extremamente diluído, como que relegado à poeira das prateleiras menos consultadas das bibliotecas, esquecido e silenciado: eis o Purgatório.

Em que consiste, qual seu fim, sua origem, importância e lugar em nossa fé e em nossa vida de fé, e ainda na vida quotidiana, disso tudo tratará o nosso autor nas páginas deste livro.

E exatamente porque fomos criados para adorar a Deus, salvar a nossa alma e cooperar com Ele, para Sua maior glória, na salvação das almas dos pecadores, além de estar ciente de que a porta e o caminho que nos conduzem a este fim são estreitos, o próprio Pe. Faber disse sobre este seu livro: «não proponho o que é perfeito, mas aquilo o que é fácil».

Portanto, não se trata dum tratado de escatologia, mas de um lembrete da nossa fé, de um alimento para a nossa esperança e estímulo à caridade e à verdadeira devoção. Esta obra é um ato contra o desespero, portanto, «consolai-vos uns aos outros com estas palavras». [1Ts 4,18]

PADRE FABIANO MICALI, D'ORATÓRIO

⁶ Homilia na Missa *pro eligendo Romano Pontifice*, 18 de abril de 2005.

⁷ Mensagem para JMJ de 2011, 6 de agosto de 2010.

⁸ Homilia em Bellahouston Park, Glasgow, 16 de setembro de 2010.

⁹ Audiência geral, 15 de agosto de 2009.

«Ó PAI DAS MISERICÓRDIAS, DEUS DE INFINITA BONDADE,
HUMILDEMENTE VOS ROGAMOS, TENHAIS PIEDADE DAS ALMAS
SANTAS QUE ESTÃO PENANDO NO PURGATÓRIO,
ESPECIALMENTE DAS DOS NOSSOS PARENTES E BENFEITORES.
LANÇAI UM OLHAR PROPÍCIO SOBRE ELAS E CHAMAI-AS PARA A
POSSE DA PÁTRIA CELESTIAL. LEMBRAI-VOS
DE QUE ELAS SÃO OBRAS DE VOSSAS MÃOS E O PREÇO DO
PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE VOSSO DIVINO FILHO, JESUS.
DIGNAI-VOS, POIS, USAR PARA COM ELAS A VOSSA INFINITA
MISERICÓRDIA. OUVI, SENHOR, O PEDIDO QUE VOS FAZEMOS
COM TODA A CONFIANÇA, EM VISTA DOS MERECIMENTOS DA
PAIXÃO E MORTE DE JESUS, E FAZEI QUE ELAS FIQUEM
CONSOLADAS, INDO GOZAR, SEM DEMORA, AQUELA GLÓRIA
IMORTAL QUE TENDES PREPARADO PARA OS VOSSOS ELEITOS».

ORAÇÃO PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO

(para ser rezada todos os dias de novembro, o mês das almas).

CAPÍTULO I

O PENSAMENTO ACERCA DO INFERNO

É incrível quão querida se torna a glória de Deus para aqueles que continuamente a procuram. A busca já lhes dá novos sentidos pelos quais podem encontrá-la, ao passo que o amor diariamente crescente aguça perpetuamente seu discernimento. «A terra está plena de Vossa glória». Que alegria para um coração ardente de amor! Não basta que o Céu transborde e que a terra se encha com a bem-aventurada inundação de Sua glória. Nós de bom grado desejaríamos que não houvesse rincão na criação que não fosse repleto dela. Contudo, há um lugar onde esta glória parece frustrada, um lugar do qual não se eleva nenhuma planta da oração, nenhuma alegria da adoração, nenhum abençoado agradecimento, nenhuma aspiração do desejo. É a casa daqueles que foram julgados e foram condenados, e que por isso perderam Deus para sempre.

Ali está a graça que não deu fruto, ou cujos frutos apodreceram na árvore. Ali estão os sacramentos que foram em vão. Ali a cruz fracassou e os propósitos amorosos de Deus sofreram uma resistência bem sucedida e foram completamente vencidos. Ainda assim, é de fé que Deus colhe imensa glória dessa inexprimível escuridão, pois a alma perdida é um louvor involuntário à justiça de Deus, tanto quanto a alma convertida é um louvor ao Seu amor. Tampouco os interesses de Jesus são inexistentes ali; pois as dores, tão indescritíveis como são – ah! o mais breve pensamento delas é intolerável – são menores do que o mérito do pecado, menores do que a justeza da medida de punição, e assim o são por causa d’Ele. O precioso sangue, em certo sentido, se faz presente até mesmo ali.

Tampouco aquele lugar horrível deixa de ter os mais abençoados resultados para a salvação de muitas almas, por meio do santo e salutar temor que alimenta nelas e da necessária correção das frouxas e distorcidas noções acerca de Deus por elas mantidas. Quando Nosso Senhor mostrou à Irmã Francisca do Santíssimo Sacramento, uma carmelita espanhola,[\[10 \]](#) a perda de uma alma, e diversas vezes numa visão a compeliu a positivamente considerar as diferentes torturas daquele lugar, Ele a repreendeu por chorar: «Francisca! Por que choras?» Ela caiu prostrada aos Seus sagrados pés e disse: «Pela danação daquela alma, Senhor!.. e o modo em que ela se perdeu». Ele disse condescendente: «Filha! Ela escolheu se perder; Eu lhe proporcionei muitos auxílios da graça para que se salvasse, mas ela não

aproveitou. Agrada-me vossa compaixão, mas prefiro que ames a minha justiça». Outra vez, quando ela foi compelida a fixar seu olhar sobre aquelas dores, os Anjos lhe disseram: «Ó Francisca, esforce-se sempre pelo santo temor de Deus!» Quem pode duvidar que milhares e dezenas de milhares que estão, neste momento, desfrutando as delícias no Céu, lá não estariam se não houvesse o Inferno. Ele é, infelizmente, uma repreensão aos corações insensíveis dos homens, mas afinal, a cruz de Cristo não tem tido melhor auxílio na terra que o insuportável fogo do Inferno.

Verdadeiramente é bom para nosso próprio bem que pensemos algumas vezes sobre aquele lugar horrível. Tal como a bela França se estende além do Canal,[11] tal como o sol brilha sobre brancos muros, frescas pontes, brilhantes jardins, palácios de muitos andares em sua belíssima capital, tal como milhares de homens e mulheres lá vivem vidas reais, cumprindo diferentes destinos, assim também há um lugar como o Inferno, todo cheio de vida neste exato momento, com numerosas almas sofrendo incontáveis agonias e inumeráveis gradações de desespero. Exceto a dos bem-aventurados no Céu, nenhuma vida é tão intensa e consciente quanto aquela de milhões de almas arruinadas. Não é impossível que rumemos para lá. Não é impossível que já tenhamos mandado alguém para lá. Quando andamos pelas ruas, vemos, não raro, aqueles que lá habitarão para sempre. Há alguns lá agora que lá não estavam uma hora atrás. Há alguns agora nos verdes campos, ou nas movimentadas cidades, em confortáveis camas, ou em ensolaradas praias, que na próxima hora, talvez, terão ido para lá. Esta é uma verdade extremamente real.

Mas, e se houver ainda mais verdades sobre isso? E se tiver havido um dia em que nós teríamos ido para lá se tivéssemos morrido? E se neste momento, lá estiverem meninos e meninas que pecaram muito menos que nós, ou ainda, que pecaram talvez uma só vez, enquanto nós temos pecado milhares de vezes? Oh, mas devemos nos humilhar ainda mais. Quanto tempo perseveraríamos no serviço de Deus se tivéssemos certeza que o Inferno não existia? Teríamos deixado nossos pecados, se não fosse pelo Inferno?[12]

Oh, que coisa boa é estar sobre esta boa terra, cercados por toda esta vida promissora, embora tenhamos realmente, por nossas próprias mãos e olhos, palavra, pensamento e diligente malícia, logrado o direito a esse infortúnio eterno. Ah! Tal como a névoa que surge do mar estéril – onde o milho não cresce e as videiras não dão frutos – que forma as nuvens que vão se desfazer

em chuvas sobre vales e colinas, assim também daqueles amplos mares de fogo e maldição a compaixão divina surge como uma nuvem para derramar torrentes de graças sobre as almas dos homens que ainda vivem.

Que ninguém se afaste da visão do Inferno para que, pouco a pouco e por muito pouco, uma opinião positiva de si mesmo não cresça dentro de sua alma e o mande, por fim, para aquele sombrio exílio. Com efeito, é bom, muito bom, pensar sobre o Inferno, e nesta maravilha que é não estarmos lá neste exato momento. Não, não se assuste: o que você vê é, na verdade, a luz branca do sol que ilumina a terra. Nada tema: aquele som é o vento que agita os ramos das árvores. Seus olhos não o enganam: aqueles são os telhados das casas da cidade que estão dormindo envoltos na neblina, compondo um calmo cenário. Tudo está ainda bem. Estamos aqui e estamos livres; mas devíamos estar lá e ser escravos!

Mas se desistimos de buscar e encontrar a glória de Deus, e de fazer disto nossa única ocupação na terra, devemos descer ao Inferno e aprender a nos regozijarmos com os temíveis atributos de Deus que são satisfeitos com aquele terrível sacrifício? Não! Louvado seja Deus; isto não faz parte de nossa devoção. Somos criaturas de esperança e amor. Vamos aonde a glória de Deus nos é possível, aonde podemos ajudá-la e avançar seus interesses; ou se nos elevamos ao impossível, é apenas porque o amor nos conduziu à eloquência silenciosa do desejo inocente e extravagante. Não temos nada a ver com o Inferno. Vimos que de nossas três coisas – a glória de Deus, os interesses de Jesus e a salvação das almas – as duas primeiras podem ser encontradas até mesmo lá. Mas não estão lá de formas que nos interessem, de modo que reflexões sobre o Inferno não são necessárias ao meu plano. É-nos suficiente saber que haja tal lugar, e que neste momento ele está repleto de almas, e que cada vez mais almas estão sendo carregadas para lá, e que suas apavorantes ocupações são o que são, e que não há ninguém dentre nós que não corra o risco, ou a quem não seja possível, de que aquele lugar seja nossa herança e destino para sempre. Aqueles que servem a Jesus por amor não esquecem tais coisas. Não, eles delas se lembram tão mais freqüentemente quanto mais O amam.

10 Irmã Francisca do Santíssimo Sacramento (1561-1631), carmelita descalça de Pamplona, Espanha. Teve uma especial relação com as Santas Almas do Purgatório. Essa relação ficou especialmente conhecida graças à publicação de seus escritos, após a sua morte, pelo Bem-aventurado

Juan de Palafox y Mendoza, famosíssimo prelado espanhol e muito vinculado à espiritualidade do Carmelo teresiano – NC.

¹¹ Pe. Faber morava na Inglaterra e refere-se ao Canal da Mancha – NT.

¹² Este é exatamente o fundamento da ação demoníaca para nos convencer da inexistência do Inferno – NT.

CAPÍTULO II

DEVOÇÃO ÀS ALMAS DO PURGATÓRIO

Mas embora estejamos misericordiosamente isentos de descer ao Inferno para buscar e promover os interesses de Jesus, coisa muito diferente ocorre com o Purgatório.

Se o Céu e a terra estão repletos da glória de Deus, assim também se passa com aquele lugar muito melancólico e interessante, onde os prisioneiros da esperança são impedidos, pela amorosa justiça de seu Salvador, de desfrutarem da visão beatífica; e se podemos fomentar os interesses de Jesus na terra e no Céu, podemos quase ousar dizer que somos capazes de fazer ainda mais no Purgatório. E o que estou tentando mostrar neste tratado é como você pode auxiliar Deus pela oração e práticas de devoção, qualquer que seja sua ocupação e missão; e todas estas práticas se aplicam especialmente ao Purgatório. Pois apesar de alguns teólogos afirmarem que embora as santas almas não ofereçam nenhum obstáculo, o efeito da oração por elas não é infalível, não obstante ser muito mais certo do que o efeito da oração pela conversão dos pecadores ainda sobre a terra, que é tão freqüentemente frustrado pela sua perversidade e más disposições. De qualquer forma, o que desejo mostrar é isto: que cada um de nós – sem aspirar nada acima de nossa graça, sem austeridades para as quais não temos coragem, sem dons sobrenaturais que não alegamos – podemos, por meio de um sentimento amoroso e práticas de saudável devoção católica, fazer grandes coisas, coisas tão grandes que parecem inacreditáveis, para a glória de Deus, pelos interesses de Jesus e pelo bem das almas.

Rezar pelos pecadores ou pelas santas almas?

Estaria eu deixando o assunto muito incompleto se não considerasse, com certo detalhe, a devoção às santas almas no Purgatório; e tratarei, não tanto de práticas particulares, que podem ser encontradas nos manuais, mas do espírito da devoção mesma.

Rosignoli, em seu livro *Maravilhas de Deus no Purgatório* (*Opere* 1:710), que ele escreveu a pedido do Beato Sebastian Valfré [13] do Oratório de Turim, descreve, dos anais dominicanos, um interessante debate entre dois bons frades acerca dos respectivos méritos da devoção à conversão dos pecadores e da devoção às santas almas.

Irmão Bertrando era um grande defensor dos pobres pecadores, celebrando constantemente missas para eles, e oferecendo todas as suas orações e penitências para obter-lhes a graça da conversão. «Os pecadores», ele dizia, «sem a graça, estão num estado de perdição. Espíritos maus estão continuamente lhes tramando emboscadas, para privá-los da visão beatífica e carregá-los para os tormentos eternos. Nosso Senhor desceu do Céu e morreu a mais dolorosa morte por eles. Que trabalho pode ser mais elevado que imitá-Lo e cooperar com Ele na salvação das almas? Quando uma alma é perdida, o preço de sua redenção é também perdido. Ora, mas as almas no Purgatório estão salvas. Elas estão seguras de sua salvação eterna. É verdade que estão jogadas num mar de dores, mas elas estão seguras de saírem de lá em algum momento. Elas são amigas de Deus, ao passo que os pecadores são Seus inimigos, e ser inimigo de Deus é a maior miséria da criação».

Irmão Benedetto era igualmente um defensor entusiasta das almas sofredoras. Ele oferecia a elas todas as suas missas livres, assim como suas orações e penitências. Os pecadores, ele dizia, estão presos pelas correntes de sua própria vontade. Poderiam abandonar o pecado se desejassem. O jugo foi de sua escolha, ao passo que os mortos estão de mãos e pés atados contra sua vontade, nos mais atrozes sofrimentos.

«Caro irmão Bertrando, diga-me – suponha que haja dois mendigos, um saudável e forte, que poderia usar suas mãos e trabalhar se quisesse, mas escolha sofrer a pobreza ao invés de abandonar as doçuras da ociosidade; e outro, doente, aleijado e indefeso, que em sua lastimosa condição não poderia fazer nada exceto suplicar ajuda com choro e lágrimas – qual dos dois mereceria maior compaixão, especialmente se o doente estivesse sofrendo as

mais intoleráveis agonias? Ora, isto é justamente a situação dos pecadores e das santas almas. Estas estão sofrendo um martírio excruciante, e não têm meios de se ajudarem. É verdade que elas mereceram essas dores por seus pecados, mas já estão agora purificadas daqueles pecados. Elas devem ter se voltado à graça de Deus antes de morrerem, caso contrário não teriam sido salvas. São agora muito queridas, inexprimivelmente queridas, a Deus; e certamente a caridade, bem ordenada, deve seguir o sábio amor da divina vontade e amar mais o que Ele mais ama».

O irmão Bertrando, contudo, não cederia, embora ele não pudesse formular uma resposta satisfatória à objeção do amigo. Mas, na noite seguinte, ele teve uma aparição que parece tê-lo convencido, tanto que daquele momento em diante ele alterou sua prática, e passou a oferecer todas as suas missas, orações e penitências, às santas almas. Parece que a autoridade de Santo Tomás pode ser citada em apoio ao irmão Benedetto, quando ele diz: «Rezar pelos mortos é mais aceitável que pelos vivos, pois os mortos estão em grande necessidade disso e não podem se ajudar, como podem os vivos» (sup. 3ª parte, q. 71, art. 5, ad. 3).

Santa Teresa de Ávila

O quanto esta devoção é aceitável ao Deus Todo Poderoso, e o quanto Ele consente em parecer, por assim dizer, impaciente pela libertação das almas, e ainda assim deixar a coisa ao sabor de nossa caridade, nos é ensinado pela incontestável autoridade de Santa Teresa.[14] No seu livro, *As fundações*, ela nos conta que D. Bernardino di Mendoza lha deu uma casa, com jardim e vinha para servir de convento em Valhadolid. Dois meses depois disso, e antes de ocorrer a fundação do convento, ele caiu subitamente doente e perdeu a fala, de modo que não pôde se confessar, embora tenha dado muitos sinais de contrição. Ele «morreu», diz Santa Teresa, «dentro em pouco, em lugar distante daquele que me encontrava. Disse-me o Senhor que a sua salvação estivera muito arriscada e que tinha usado de misericórdia com ele por causa do obséquio feito à Sua mãe, dando aquela casa para o mosteiro de sua Ordem, mas que não sairia do Purgatório enquanto não se celebrasse a primeira missa nesse convento. De tal maneira tinha presente as graves penas desta alma que, apesar do grande desejo que tinha de fundar em Toledo, deixei isso por então e dei-me toda a pressa que pude para ir fundar em Valhadolid conforme pudesse. Estando um dia em oração em Medina del Campo, disse-me o Senhor que me apressasse porque aquela alma estava padecendo muito. Meti mãos à obra e, embora sem grandes preparativos, entrei em Valhadolid no dia de São Lourenço».

Ela então continua a relatar que, quando recebeu a comunhão na primeira missa celebrada na casa, a alma de seu benfeitor lhe apareceu com toda a glória, e depois entrou no Céu. Ela não esperava por isso, pois observa: «Embora tivesse havido alusão à primeira missa, eu fiquei pensando que seria aquela em que se pusesse o Santíssimo Sacramento».

Poderíamos multiplicar quase indefinidamente as revelações dos santos para provar o especial favor com que Nosso Senhor considera esta devoção, em que Seus interesses estão tão amorosamente unidos. Mas agora é o momento para termos uma clara visão de nosso assunto.

Mundo dos sentidos; mundo do espírito

Há, como todos sabemos, dois mundos, o mundo dos sentidos e o mundo do espírito. Vivemos no mundo dos sentidos, circundados pelo mundo do espírito, e como cristãos temos a todo o tempo, e muito realmente, comunicações com este mundo. Ora, é um mero fragmento da Igreja que está no mundo dos sentidos. Hoje, a Igreja *Triunfante* no Céu, colecionando suas multidões sempre puras em toda época, e constantemente beatificando-se com novos santos, deve necessariamente exceder de muito a Igreja *Militante*, que não abarca sequer a maioria dos habitantes da terra. Tampouco é improvável, mas até bem possível, que a Igreja *Padecente* no Purgatório deva exceder muito a Igreja *Militante*, em extensão, pois ela a ultrapassa em beleza.

Com aquelas incontáveis multidões que estão perdidas não temos responsabilidades: elas se deserdaram de nós. Dificilmente sabemos o nome de um daqueles que estão lá, pois muitos pensaram que Salomão estava salvo, alguns ousaram até considerar as palavras dos Atos dos Apóstolos sobre Judas como não sendo decisivamente infalíveis, e não há um consenso sequer contra Saul. Estamos amputados deles; sobre eles, tudo é negrume e escuridão; não temos relações com eles. [Cf. At 1, 16 ss.]

O poder que Deus nos deu sobre os mortos

Mas pela doutrina da comunhão dos santos e da unidade do corpo místico de Cristo, temos as mais íntimas relações de dever e afeição com a Igreja *Triunfante e Padecente*, e a devoção católica nos oferece muitos meios, sugeridos e aprovados, de desempenharmo-nos desses deveres. Destes, falo mais adiante. Por ora, é suficiente dizer que Deus nos deu tal poder sobre os mortos que eles parecem, como disse antes, depender mais da terra do que do Céu; e certamente o fato de Ele nos ter dado tal poder, e os métodos sobrenaturais de o exercer, não é prova menos comovente de que Sua majestade santíssima dispõe tudo por amor. Poderemos nós conceber o contentamento dos Bem-aventurados no Céu, desviando seu olhar do seio de Deus e da calma do seu eterno repouso para essa cena de obscuridade, inquietude, dúvida e temor, e alegrando-se na plenitude de sua caridade, em seu vasto poder junto ao Sagrado Coração de Jesus de obter graças e bênçãos, dia e noite, para os infortunados habitantes da terra? Isso não os distrai de Deus, não interfere com a visão, ou a faz desfalecer ou empanar; não conturba sua glória ou sua paz. Ao contrário, acontece com eles tal como com nossos anjos da guarda; o ministério amoroso de sua caridade só lhes aumenta sua glória accidental.

E o mesmo contentamento pode, em alguma medida, ser nosso ainda neste mundo. Se deixarmos-nos possuir integralmente por esta devoção católica às santas almas, nunca nos abandonará a consciência agradecida pelos imensos poderes que Jesus nos deu a favor delas. Nunca seremos tão parecidos com Ele, ou nunca imitaremos tão amorosamente Sua terna ocupação como quando estamos devotamente exercendo esses poderes. Somos excessivamente humilhados quando nos tornamos benfeitores daquelas belas almas que nos são tão imensuravelmente superiores, tal como se diz de José, que aprendeu a humildade quando dava ordens a Jesus.

Enquanto estamos ajudando as santas almas, amamos Jesus com um amor além as palavras, um amor que quase nos amedronta; mas com que delicioso temor! Porque nessa devoção, são Suas mãos que movem, tal como moveríamos as mãos de uma criança inábil. Ó querido Senhor, que nos permite fazer tais coisas! Que nos permite fazer com Seus méritos o que desejamos, e salpicar gotas de seu precioso sangue como se fossem água do poço mais próximo! Que nos permite limitar a eficácia de Seu sacrifício

incruento, e indicar-Lhe almas, e esperar que Ele nos obedeça! Que, com efeito, assim o faz! Como é belo o desamparo de sua sagrada infância! Como é belo Seu desamparo no Santíssimo Sacramento! Como é belo o desamparo a que, por amor a nós, Ele desejou ardentemente se reduzir, em relação às suas queridas esposas do Purgatório, cuja entrada na glória Seu coração tão impacientemente espera! Ó que pensamentos, que sentimentos, que amor não devemos ter quando, como um coro de anjos terrestres, posamos nossos olhos naquele vasto, silencioso e impecável reino de sofrimento e, então, com nosso próprio toque temerário, movemos a poderosa mão de Jesus por sobre aquelas vastas regiões, e as orvalhamos com o bálsamo de Seu sangue salvador!

Duas visões do Purgatório

Sempre houve duas visões sobre o Purgatório na Igreja, não contraditórias, mas que expressam as idéias e a devoção daqueles que as apóiam.

Uma delas é a visão presente na maior parte das vidas e revelações dos santos italianos e espanhóis, nas obras dos alemães da Idade Média, nas crenças populares acerca do Purgatório na Bélgica, Portugal, Brasil, México, etc. A outra é a visão que é mais cara a São Francisco de Sales, embora ele a tenha desenvolvido originalmente a partir do tratado sobre o Purgatório de Santa Catarina de Gênova, que é também sustentada pelas revelações da Irmã Francisca de Pamplona, uma irmã do Carmelo de Santa Teresa, publicadas como uma longa e sábia crítica do Irmão Giuseppe Bonaventura Ponze, um professor dominicano de Saragossa. E cada uma dessas visões, embora nunca neguem uma a outra, tem seu próprio e peculiar espírito de devoção.

13 Bem-aventurado Sebastião Valfré (1629-1710), sacerdote, glória da Congregação do Oratório fundada por São Filipe Néri, da qual era membro o autor deste livro. Foi um grande apóstolo de Turim, na Itália, e também um grande diretor espiritual. Destacam-se entre suas filhas espirituais: a leiga Anna Maria Emmanuelli Buonamici (1615-1673), cuja biografia foi por ele escrita; e a Bem-aventurada Maria do Anjos (1661-1717), fundadora do Carmelo de Moncalieri, nas proximidades de Turim – NC.

14 Santa Teresa de Jesus (1515-1582), virgem, Doutora da Igreja. Nascida em Ávila, Espanha, cidade onde iniciou a Reforma da Ordem Carmelitana. Mestre da vida mística, é assim apresentada pelo Papa Emérito Bento XVI: «Santa Teresa de Jesus é verdadeira mestra de vida cristã para os fiéis de todos os tempos. Na nossa sociedade, muitas vezes carente de valores espirituais, Santa Teresa ensina-nos a sermos testemunhas indefesas de Deus, da sua presença e ação, ensina-nos a sentir realmente esta sede de Deus que existe na profundidade do nosso coração, este desejo de ver Deus, de procurá-Lo, de dialogar com Ele e de ser Seu amigo. Esta é a amizade necessária para todos nós e que devemos buscar de novo, dia após dia. O exemplo desta santa, profundamente contemplativa e eficaz nas suas obras, leve também a nós a dedicar em cada dia o justo tempo à oração, a esta abertura a Deus, a este caminho para procurar Deus, para vê-Lo, para encontrar a Sua amizade e assim a vida verdadeira; porque realmente muitos de nós deveriam dizer: «'Não vivo, não vivo realmente, porque não vivo a essência da minha vida'» – Papa Bento XVI, *As santas mulheres: de Santa Hildegarda a Santa Teresa de Lisieux*, p. 116, Ecclesiæ, Campinas, 2013 – NC.

CAPÍTULO III

PRIMEIRA VISÃO: O PURGATÓRIO É SIMILAR AO INFERNO

A primeira visão é corporificada nos aterradores sermões dos *quaresmali* [15] italianos e naquelas pinturas populares que se vêem em casas à beira das estradas, que tanto enfastiam os viajantes ingleses. Elas não cansam de representar o Purgatório como um inferno que não é eterno. Violência, confusão, gemidos e horrores pairam sobre suas descrições. Insistem, com justeza, na terrível pena dos sentidos, que misteriosamente acomete a alma. O fogo é o mesmo fogo do Inferno, criado com o único e expresso fim de torturar. Nosso fogo terreno assemelha-se, em comparação, a um fogo pintado. Além disso, há um horror especial e indefinível que recai sobre a alma desencarnada ao se tornar presa dessa agonia material. O sentimento de aprisionamento, íntimo e intolerável, e a escuridão intensamente palpável são características adicionais ao horror da cena, que nos prepara para aquela vizinhança do Inferno, expressão usada por muitos santos para descrever o Purgatório. Os anjos aparecem como ativos executores da terrível justiça de Deus. Alguns afirmaram até que os demônios têm permissão de tocar e atormentar as esposas de Cristo naqueles fogos ardentes.

Então, a essas terríveis penas de sentido se ajunta a apavorante pena de dano. A beleza de Deus permanece o mesmo objeto imensamente desejável como sempre foi. Mas a alma muda. Tudo que na vida e no mundo dos sentidos entorpecia seus desejos de Deus não existe mais, de modo que ela O procura com uma impetuosidade que nenhuma imaginação pode em absoluto conceber. Seu excessivo e ardente amor torna-se a medida de sua dor intolerável. O que o amor pode fazer mesmo aqui na terra pode ser compreendido pelo exemplo de Pe. João Batista Sanchez, que dizia que seguramente morreria de miséria se, ao acordar, tivesse certeza de que não morreria naquele dia. A esses horrores podemos adicionar muitos mais, que representam o Purgatório como um inferno que apenas não dura para sempre.

O santo temor de ofender a Deus

O espírito dessa visão é um santo temor de ofender a Deus, um desejo por austeridades corporais, uma grande consideração para com as indulgências, um extremo horror do pecado e um tremor habitual ante a consideração do julgamento de Deus. Os que viveram sob penitências incomuns, e em Ordens religiosas severas, sempre foram impregnados dessa visão; e parecem ter sido confirmados, nos mínimos detalhes, pelas conclusões dos teólogos escolásticos, como pode ser visto de imediato ao se consultar Berlarmino, que, em cada seção de seu tratado sobre o Purgatório, compara as revelações dos santos com as conseqüências da teologia. É notável também que quando o Beato Henrique de Suso,[16] por meio de crescente familiaridade e amor a Deus, começou a considerar leves, comparativamente, as dores do Purgatório, Nosso Senhor o alertou que isso muito O desagradava. Pois, como considerar leve um castigo que Deus preparou para o pecado? Muitos teólogos dizem que não só a menor pena do Purgatório é maior do que a maior pena na terra, mas maior do que todas as penas terrenas juntas.

Esta é uma visão verdadeira do Purgatório, mas não uma visão completa. Mesmo assim, não é uma visão que possa ser considerada grosseira ou grotesca. É a visão de muitos santos e servos de Deus, e predomina nas celebrações do dia de finados em diversos países católicos.

¹⁵ Pregadores da época da Quaresma – NT.

¹⁶ Bem-aventurado Henrique de Suso (1295-1366), religioso da Ordem dos Pregadores (Dominicanos). Foi um escritor místico alemão de grande importância, conhecido pelo seu *Livro da sabedoria eterna* – NC.

CAPÍTULO IV

SEGUNDA VISÃO: O DESEJO DAS ALMAS POR PURIFICAÇÃO

A segunda visão do Purgatório não nega nenhuma das características da visão anterior, mas quase as coloca fora do campo de visão, por meio de outras considerações que torna mais proeminentes à nossa vista. A alma adentra o Purgatório com os olhos fascinados e com seu espírito docemente tranqüilizado com a face de Jesus, seu primeiro vislumbre da sagrada humanidade, no julgamento particular que tem de sofrer. Esta visão a acompanha, e adorna os terrores díspares de sua prisão qual uma permanente chuva prateada de raios de lua que parece provir dos olhos amorosos de nosso Salvador. No mar de fogo, ela parece se agarrar fortemente a essa imagem. No momento em que, sob Seu olhar, ela percebe sua própria inadequação ao Céu, ela dirige seu vôo voluntário ao Purgatório, como uma pomba ao seu próprio ninho nas sombras da floresta. Ela não necessita de anjos para levá-la até lá, pois quem a leva é seu próprio louvor à pureza de Deus.

É o que se encontra belamente descrito numa revelação de Santa Gertrude, relatada por Blosius.[17] A santa viu em espírito a alma de uma religiosa que passou a vida no exercício das mais elevadas virtudes. Ela estava perante Nosso Senhor revestida de ornamentos de caridade, mas não ousava levantar os olhos para olhá-Lo. Conservava-os baixos como se envergonhasse por estar em Sua presença, e mostrava por alguns gestos seu desejo de estar longe d'Ele. Gertrude, surpresa com a cena, ousou perguntá-Lo: «Misericordioso Deus! Por que não recebes esta alma nos braços de Vossa infinita caridade? O que são os estranhos gestos de retraimento que percebo nela?». Então, Nosso Senhor estendeu amorosamente seu braço direito, como para aproximar d'Ele a alma; mas ela, com profunda humildade e grande modéstia, se afastou d'Ele. A santa, perdida em surpresa ainda maior, perguntou a razão de ela fugir das carícias de um Esposo tão digno de ser amado; e a religiosa respondeu: «Porque ainda não estou perfeitamente limpa dos rastros que meus pecados deixaram; e mesmo que Ele me concedesse, neste estado, passe livre para o Céu, eu não aceitaria; pois por mais resplandecente que eu pareça a vossos olhos, sei que ainda não sou uma esposa digna para meu Senhor».

A beleza das pobres almas

Neste momento, a alma tem um terno amor por Deus. Aos olhos dos que partilham desta visão, estas almas se revestem da maior beleza. Como não ser bela uma amada esposa de Deus? A alma está sendo punida, é verdade; mas está também em inquebrantável união com Deus. «Ela não tem a mínima lembrança», afirma decididamente Santa Catarina de Gênova, «a mínima lembrança de seus pecados passados, ou da terra». Sua doce prisão, seu santo sepulcro, é o cumprimento da adorável vontade de seu Pai celestial, e lá ela passa o período de sua purificação com o mais perfeito contentamento e o mais inefável amor. Como não é perturbada por nenhuma visão de si mesma ou do pecado, assim também não é acometida por nenhuma gota de temor, ou por uma dúvida sequer de sua própria e imperturbável segurança. Ela é impecável; e houve um tempo na terra que este estado de impecabilidade pareceria conter em si todo o Céu. Ela não pode cometer sequer uma mínima imperfeição. Não pode sentir o menor movimento de impaciência. Não pode fazer nada que, no mais mínimo grau, seja desagradável a Deus. Ela ama Deus acima de qualquer coisa e O ama com o mais puro e desinteressado amor. É constantemente consolada pelos anjos, e não pode senão regozijar-se com a assegurada confiança em sua própria salvação. Pelo contrário, suas agonias mais amargas são acompanhadas por uma profunda e imperturbável paz, que a linguagem deste mundo não tem palavras para descrever.

O anseio por Deus das almas sofredoras

Há revelações que falam de algumas almas que estão no Purgatório, mas não sentem seu fogo. Languescem pacientemente longe de Deus, e isto lhes é castigo suficiente. Há também revelações que contam acerca de grande número de almas que não possuem uma prisão local, mas sofrem sua purificação no ar, ou ao lado de seus túmulos, ou perto de altares onde está o Santíssimo Sacramento, ou em cômodos daqueles que rezam por elas, ou contemplando cenas de vaidades e frivolidades por elas anteriormente vividas. Se o sofrimento silencioso suportado graciosa e docemente é uma coisa tão venerável na terra, o que não deve ser nessa região da Igreja? Comparado com a terra, suas provações, dúvidas e riscos instigantes e depressivos, quão mais belo – quão mais desejável – não é aquele reino silente, calmo e paciente sobre o qual reina a Rainha Maria, que tem Miguel como perpétuo embaixador de sua misericórdia?

O espírito desta visão é o amor, um desejo extremo de que Deus não seja ofendido, um anseio pelos interesses de Jesus. Seu tom é aquele que marca o primeiro vôo voluntário da alma em direção àquela herança de sofrimento. Ela toma o partido de Deus contra si mesma, e o faz até o fim. Essa visão do Purgatório se funda na adoração da pureza e santidade de Deus. Olha para as coisas sob o ponto de vista de Deus e mescla seus interesses aos d’Ele. É esta a visão que podemos esperar de São Francisco de Sales e da amorosa Santa Catarina de Gênova. E é o desamparo, e não a desventura, das almas detidas que move aqueles que partilham desta visão de compaixão e devoção; mas é a glória de Deus e os interesses de Jesus que, acima de tudo, os influenciam.

Perfeito amor a Jesus e Maria

Oh! quão solene e avassalador é o pensamento daquela região sagrada, daquele reino de dor. Não há choro, não há murmúrio; tudo é silente, silente como Jesus ante seus inimigos. Nunca saberemos o quanto amamos realmente Maria até que a olhemos daquelas profundezas, daquele vale repleto do temível e misterioso fogo. Ó bela região da Igreja de Deus! Ó amada hoste do rebanho de Maria! Que incrível cena é apresentada aos nossos olhos quando contemplamos aquele consagrado império de impecabilidade, e mesmo assim do mais agudo sofrimento. Há a beleza daquelas almas imaculadas, e ademais há o encanto e a reverência de sua paciência, a majestade de seus dons, a dignidade de seus solenes e castos sofrimentos, a eloquência de seu silêncio; o luar do trono de Maria iluminando aquela região de dor e indizível expectativa; os anjos de asas prateadas viajando através das profundezas daquele reino misterioso; e acima de tudo, aquela invisível face de Jesus, que é tão bem lembrada que parece quase visível! Que pureza imaculada de louvor existe aqui nessa liturgia de sagrada dor! Ó mundo, ó fatigado, ó clamoroso, ó mundo pecador! Quem não fugiria, se pudesse, como uma pomba libertada do cativeiro, dessa fadiga perigosa e peregrinação arriscada, e voaria alegremente para o lugar mais humilde daquela região tão pura, tão segura, tão santa de sofrimento e amor sem mácula?

A publicação do *Tratado sobre o Purgatório*, de Santa Catarina de Gênova é tão notável na história da doutrina e da devoção do Purgatório que pode ser útil uma breve descrição desse evento. O arcebispo de Paris, Mons. Hardouin Perefrix, o mandou examinar pelos doutores da Sorbonne em 1666, e na sua aprovação, eles o descreveram como uma «rara efusão do Espírito de Deus sobre uma alma pura e amante, e um sinal maravilhoso de Sua solicitude para com Sua Igreja e Seu cuidado em iluminá-la e assistir-lhe segundo suas necessidades»; e a aprovação continua dizendo que os examinadores consideraram o *Tratado* como um socorro providencial para os católicos, justo quando as heresias de Lutero e Calvino, dentre outras heresias, começavam a atacar os mortos [pela proibição das orações e missas para eles].

Em 1675, Martin d'Esparza, um jesuíta, apresentou sua censura [veredito] acerca do *Tratado* ao Cardeal Azolini, que era *ponente* [postulador] na causa da beatificação da santa. Nesse documento ele diz que a doutrina do *Tratado* é «irrepreensível, muito salutar, e integralmente seráfica», que ela foi «impressa em sua alma pelo Espírito Santo por meio de uma especial e secreta iluminação», e essa doutrina, juntamente com aquela de seu *Diálogo entre a alma e o corpo*, é «a prova mais eficaz da santidade heróica da serva de Deus». Maineri observou, na sua biografia da santa, como uma curiosa coincidência, que o nome de «Purgatório» foi dado oficialmente, e pela primeira vez, a esse estado intermediário, em 1254, por Inocêncio IV, que era da casa dos Fieschi, família de nossa santa.

Darei a seguir um resumo da doutrina de seu *Tratado*.

O ensinamento de Santa Catarina de Gênova [18]

Não antes que a alma, sem culpa de pecado mortal, mas ainda com o débito para com Deus da pena temporal, seja libertada deste mundo e julgada, ela pode perceber que está confirmada na graça e na caridade. É então incapaz de pecar e também acumular méritos; e está destinada, por um eterno e imutável decreto, a entrar um dia como rainha no reino dos Bem-aventurados, a ver, amar e desfrutar de Deus, a fonte perpétua de toda a felicidade.

Neste instante, todos os pecados da vida passada são apresentados à alma, sejam mortais ou veniais, mesmo que tenham sido remidos durante a vida por contrição e pelo sacramento da penitência. Mas depois dessa visão transitória e instantânea, a alma não mais se lembra deles. As palavras da santa são: «A causa do Purgatório, que essas almas têm em si mesmas, elas vêem uma vez por todas na passagem desta vida para outra, e em nenhum outro momento». A razão dessa exibição dos pecados, ela nos ensina, é possibilitar à alma, naquele momento, por um ato – não mais realmente meritório, mas ainda assim um ato real da vontade – detestar todos os seus pecados uma vez mais, e especialmente aqueles pecados veniais pelos quais ela não teve nenhuma contrição durante a vida, ou por causa de fraqueza de coração, ou por causa de uma morte súbita. Isto porque é estritamente verdade que nenhum pecado é perdoado sem um ato formal de detestação dele.

Depois dessa visão momentânea dos pecados e de sua destestação, a alma percebe em si mesma suas (dos pecados) más conseqüências e «legados malignos», que formam o que os santos chamam de «impedimentos para a visão de Deus». «A ferrugem do pecado», ela diz, «é o impedimento, e o fogo passa a consumir a ferrugem; e como uma coisa que está coberta não consegue corresponder à reverberação dos raios do sol, assim se a cobertura é consumida, a coisa é finalmente exposta ao sol». É assim que o Purgatório esgota, na alma, o débito (*reatus*) do pecado venial, e também o débito da pena temporal pelos pecados mortais já remidos. Esta última afirmação, meus leitores perceberão, não está, como alguns pensaram, em desacordo com o ensinamento de Suarez e outros escolásticos, que mantêm que não há *mancha* deixada na alma pelo pecado que exija uma ação de limpeza daquele fogo. A santa fala em todo o tratado como se o Purgatório fosse não tanto um lugar de limpeza de manchas, mas de pagamento de débitos.

Desejo de purificação

Tão logo a alma se percebe aceita por Deus e constituída em herdeira do Paraíso, mas incapaz, por causa desse impedimento, de tomar imediata posse de sua herança, ela desenvolve um intenso desejo de se livrar desse impedimento, dessa dupla obrigação de culpa e pena. Mas sabendo que apenas o Purgatório pode dar cabo dessas duas obrigações, e que é exatamente com esse objetivo que Deus condena a alma a esse fogo, ela deseja suportar essa pena. «A alma separada do corpo (estas são as próprias palavras da santa), não encontrando em si mesma toda a pureza necessária, e vendo em si esse impedimento que não pode ser tirado exceto pelo Purgatório, imediatamente nele se joga com uma vontade firme. Ora, se a alma não considerasse o Purgatório uma instância apropriada para a remoção desse impedimento, surgiria imediatamente em seu interior um inferno muito pior que o Purgatório, visto que ela perceberia que esse impedimento não a permitiria aproximar-se de Deus, que é seu fim último. Por conseguinte, se a alma pudesse encontrar outro purgatório mais cruel, em que ela pudesse se livrar mais rapidamente desse impedimento, ela velozmente nele se precipitaria, por causa da impetuosidade do seu amor por Deus».

Mas isso não é tudo. No capítulo seguinte a santa continua a ensinar que se a alma, trabalhando sob esse impedimento, fosse livre para escolher entre ascender imediatamente da situação em que se encontra para o Paraíso, e descer para sofrer no Purgatório, ela escolheria sofrer, embora os sofrimentos sejam quase tão terríveis quanto aqueles do Inferno. Estas são suas palavras: «Acerca da enorme importância do Purgatório nenhuma língua pode dizer, nenhuma mente conceber. Pelo que vi, suas penas são quase como se fossem as do Inferno; e, mesmo assim, vejo também que a alma que percebe em si o mais tênue defeito ou partícula de imperfeição preferiria se lançar em milhares de infernos a se encontrar na presença de divina majestade com esse defeito à mostra; e, portanto, percebendo que o Purgatório está ordenado a tirar essas imperfeições, ela de imediato se lança nele e parece, pelo que vejo de sua compostura, considerar que tal lugar é de grande misericórdia, pois permite que ela se livre desse impedimento».

Pena de dano

Quando a alma justa chega ao Purgatório, perdendo de vista tudo o mais, vê diante dela apenas duas coisas: o extremo sofrimento e a extrema alegria. Uma dor tremenda é causada pelo conhecimento de que Deus a ama com um amor infinito, que Ele é o principal Bem, que Ele considera a alma como Sua filha, e que Ele a predestinou a desfrutar d'Ele para sempre em companhia dos Bem-aventurados; e, assim, a alma O ama com uma caridade pura e perfeita. Ao mesmo tempo, ela percebe que não pode vê-Lo ou desfrutá-Lo ainda, embora anseie isso tão intensamente; e sua aflição aumenta ainda mais com a incerteza de quando terminará seu exílio, longe de seu Senhor e do Paraíso. Essa é a pena de dano do Purgatório, da qual a santa diz que é «uma pena tão extrema que nenhuma língua pode descrevê-la, nenhuma inteligência conceber a menor porção dela. Embora Deus em Sua bondade me mostrasse uma pequena centelha dela, não consigo expressá-la com minha língua de modo algum».

Ela compara a pena de dano ao anseio por um pedaço de pão. «Se em todo o mundo houvesse apenas um pedaço de pão que fosse capaz de satisfazer a fome de todas as criaturas, quem ficaria saciado apenas por contemplá-lo, quais seriam os sentimentos de um homem que possuísse, por natureza, o instinto de comer, quando saudável; quais, repito, seriam seus sentimentos se não fosse nem capaz de comer, nem estivesse doente ou à beira da morte? Sua fome seria sempre crescente e, sabendo que nada havia exceto aquele pedaço para satisfazê-lo e ainda assim não sendo capaz de consegui-lo, ele permaneceria em insuportável tortura». Essa semelhança, contudo, nos mostra tão somente uma sombra do que a alma realmente sofre. Ela é continuamente arrastada por um imperceptível e violento amor por Deus, único que pode satisfazê-la. Essa violência cresce incessantemente enquanto a alma faminta fica privada de seu divino objeto, pelo qual ela se mostra indescritivelmente voraz; e sua tortura continuaria assim também aumentando, não fosse mitigada pela esperança – ou antes, pela certeza de que está cada vez mais perto da eterna felicidade. Nas palavras do profeta, o sofredor sabe que «verá o fruto do que sua alma trabalhou e ficará satisfeito». [Is 53,11]

Pena dos sentidos

Santa Catarina compara a alma que sofre a pena dos sentidos com o ouro no crisol. «Vede o ouro; quanto mais ele derrete, melhor fica, e ele é derretido até que todas as impurezas sejam aniquiladas. Esse é o efeito do fogo nas coisas materiais. Mas a alma não pode se aniquilar em Deus, mas pode se aniquilar em si mesma; e quanto mais é purificada, mais se aniquila em si mesma, até que finalmente ela descanse em Deus, completamente pura. Quando o ouro, segundo a expressão dos ourives, é purificado a vinte e quatro quilates, não mais se reduz, qualquer que seja o fogo que lhe seja aplicado, porque, na realidade, nada é consumido senão as imperfeições. O fogo divino age da mesma forma na alma. Deus a mantém no fogo até cada imperfeição ser consumida, e até que Ele a reduza a uma pureza de vinte e quatro quilates; cada um, contudo, segundo seu próprio grau. Quando a alma é purificada, descansa completamente em Deus, sem reter nada em si mesma. Deus é a sua vida. E quando Ele traz a Si a alma assim purificada, ela se torna impassível, pois nada mais há a ser purificado; e se ela fosse mantida purificada desta forma no fogo, ele não a causaria dor; não, pois seria o fogo do amor divino, a própria vida eterna, no qual a alma já não poderia experimentar mais contradições».

Alegria no Purgatório

Tal é o primeiro objeto que surge ante os olhos da alma: um sofrimento extremo. Agora, examinemos outro objeto: a extrema alegria. Como a alma ama Deus com a mais pura afeição, e sabe que seus sofrimentos são a vontade de Deus para operar sua purificação, ela se conforma perfeitamente ao divino decreto. Durante sua estada no Purgatório, ela nada vê senão o que agrada a Deus; ela não pensa outra coisa senão na Sua vontade; nada lhe é mais claro que a conveniência de sua purificação, a fim de se apresentar bela e radiosa diante de tão suprema majestade. Assim fala Santa Catarina: «Se uma alma, a ser ainda purificada, fosse apresentada à visão de Deus, ela se consideraria gravemente ferida, e seus sofrimentos seriam piores que os de dez purgatórios; pois ela seria inteiramente incapaz de suportar aquela excessiva bondade e aquela suprema justiça». Por isso é que a alma sofredora está inteiramente resignada à vontade de seu Criador. Ama suas próprias dores, e nelas se regozija, porque elas são a única vontade de Deus. Assim, no meio de ardente calor, ela desfruta de um contentamento tão completo que excede ao entendimento da inteligência humana. «Não acredito», diz Santa Catarina, «que seja possível encontrar um contentamento comparável ao das almas no Purgatório, a menos que seja o contentamento dos santos no Paraíso. Esse contentamento cresce diariamente por meio do influxo de Deus nessas almas, e esse influxo cresce na proporção em que os obstáculos vão se desvanecendo. De fato, com relação à vontade, dificilmente podemos dizer que as penas sejam realmente penas, tal é o contentamento com que as almas descansam na vontade de Deus, à qual estão unidas pelo mais puro amor».

Em outro lugar, Santa Catarina diz que esse inexplicável júbilo da alma enquanto submetida ao Purgatório se origina da força e pureza de seu amor a Deus. «Esse amor dá à alma um contentamento que não pode ser expresso. Mas esse contentamento não alivia nem uma pequena parte do sofrimento; não, é a demora que o amor experimenta antes de tomar posse do objeto amado que causa o sofrimento; e o sofrimento é maior na proporção da perfeição do amor que Deus tornou a alma capaz de Lhe dedicar. Assim, as almas no Purgatório têm, ao mesmo tempo, o maior contentamento e o maior sofrimento; e um não obstrui o outro». Quanto às orações, esmolas e missas, Santa Catarina afirma que as almas experimentam com elas grande consolação; mas que, nessas e em outras coisas, a principal solicitude das

almas é que tudo se deve «pesar na justa balança da vontade divina, deixando Deus seguir Seu próprio curso em tudo, satisfazendo a Si mesmo e à Sua justiça, como Lhe aprouver».

Falsa confiança

A Santa conclui seu *Tratado* lançando seu olhar ao seu próximo e a si mesma. Ao próximo, ela diz: «Ah! se eu pudesse elevar minha voz tão alto para assustar todos os homens sobre a terra e dizer-lhes: Ó homens miseráveis! Por que se deixaram cegar por este mundo de modo a não fazer nenhuma provisão para aquelas imperiosas necessidades que encontrarão no momento da morte? Vós, todos vós, esperais encontrar abrigo sob a esperança da misericórdia de Deus. Mas não vedes que a própria bondade de Deus testemunhará contra vós por terdes se rebelado contra a vontade de Senhor tão bom? Não descansais numa falsa confiança, dizendo: ‘Quando chegar a hora de minha morte, farei uma boa confissão, e então, eu ganharei a indulgência plenária, e assim, naquele último momento, eu serei limpo de todos os meus pecados, e então serei salvo’. Confissão e contrição (perfeita) são necessárias para uma indulgência plenária; e (essa) contrição é coisa tão difícil de conseguir que se soubésseis da dificuldade, tremeríeis de tanto temor, não ousando crer que tal graça vos possa jamais ser concedida, em vez de a esperardes com uma confiança temerária, como agora fazeis».

Quando se examinava a si própria com a luz da iluminação sobrenatural, ela via que Deus a escolhera para ser na Igreja a expressão e a imagem viva do Purgatório. Ela diz: «Essa forma de purificação, que observo nas almas no Purgatório, eu a percebo agora em minha própria alma. Vejo que minha alma habita em seu corpo num purgatório inteiramente conforme ao verdadeiro Purgatório, com a diferença de que meu corpo pode suportar sem morrer. Não obstante, os sofrimentos estão pouco a pouco aumentando, até que alcancem um ponto em que meu corpo realmente morrerá».

A doutora do Purgatório

Sua morte foi verdadeiramente maravilhosa, e tem sido sempre considerada um martírio do Amor divino. A missão da santa, como a grande doutora do Purgatório, foi tão verdadeiramente apreciada, desde o princípio, que na sua antiga vida, a *vita antica*, que foi examinada por teólogos em 1670 e aprovada no processo de sua canonização, processo este composto por Marabotto, seu confessor, e Vernazza,[19] seu filho espiritual, está dito: «Verdadeiramente, parece que Deus escolheu Sua criatura como um espelho e um exemplo das dores da outra vida, que as almas sofrem no Purgatório. É como se Ele a tivesse colocado num alto muro a dividir esta da outra vida; de modo que ao ver qual sofrimento nos espera na vida além-túmulo, ela pudesse manifestar-nos, ainda nesta vida, o que devemos esperar quando cruzarmos a fronteira». Este é um simples resumo de seu maravilhoso e superlativamente belo *Tratado*, que colocou Santa Catarina dentre os teólogos da Igreja.

A mesma visão do Purgatório de Santa Catarina é exposta brevemente, embora de modo tocante, por Dante, naquela bela cena em que ele e Virgílio vagueiam pelos arredores do Purgatório. O poeta se torna subitamente fascinado pela luz brilhante de um anjo que desliza pelo mar, empurrando um barco repleto de novas almas para o Purgatório; e ele descreve o barco deslizando na direção das margens tão suavemente que não produz nenhuma onda na água, enquanto as almas que deixaram a vida, a terra, e o julgamento há poucos minutos, penosa e, ao mesmo tempo, alegremente cantam o salmo *In exitu Israel de Egypto*. Foi, certamente, uma bela concepção de Dante; e como ele era tanto teólogo quanto poeta, julguei oportuno mencioná-la aqui como prova da visão que tinham os intelectuais no tempo de Dante.

¹⁷ Ludovicus Blosius (1506-1566), nome latino do abade beneditino de Liesses, França, Louis de Blois. Foi um escritor místico de grande importância na história da Igreja – NC.

¹⁸ O magistério espiritual de Santa Catarina de Gênova foi sabiamente explicado pelo Papa Emérito Bento XVI: «Com a sua vida, Santa Catarina ensina-nos que quanto mais amamos a Deus e entramos em intimidade com Ele na oração, tanto mais Ele se faz conhecer e acende o nosso coração com o seu amor. Escrevendo acerca do Purgatório, a santa recorda-nos uma verdade fundamental da fé, que se torna para nós um convite a rezar pelos defuntos, a fim de que eles possam chegar à visão beatífica de Deus na comunhão dos santos. Além disso, o serviço humilde, fiel e generoso que a santa prestou durante toda a sua vida no hospital de Pammatone, é um exemplo luminoso de caridade para todos e um encorajamento especialmente para as mulheres que oferecem uma contribuição fundamental para a

sociedade e a Igreja com a sua obra preciosa, enriquecida pela sua sensibilidade e pela atenção aos mais pobres e necessitados». Papa Bento XVI, *As santas mulheres: de Santa Hildegarda a Santa Teresa de Lisieux*, p. 102, Ecclesiae, Campinas, 2013 – NC.

19 Servo de Deus Ettore Vernazza (1470-1524), certamente o mais importante filho espiritual de Santa Catarina de Gênova. Foi o grande propagador das Companhias do Divino Amor, que tiveram um papel imprescindível na Reforma Católica do século XVI, sendo referência espiritual e de caridade material. Foi fundador das Filhas de São José para educação de moças pobres, além do fundador do Hospital dos Incuráveis. A grande amizade que nutria com Santa Catarina o fez convidá-la para ser madrinha de batismo de sua filha, a Venerável Battistina Vernazza (1497-1587), que depois ingressou na Ordem das Cônegas Regulares Lateranenses, tornando-se uma grande escritora mística – NC.

CAPÍTULO V

A UNIÃO DAS DUAS VISÕES DO PURGATÓRIO

Vejam agora o que têm em comum as duas visões do Purgatório. Esta é uma consideração mais prática. Suponho que não há ninguém entre nós que tenha a expectativa de se perder eternamente. Sabemos e sentimos, com mais ou menos inquietação, o tamanho do risco que estamos correndo; mas esperar a condenação seria pecado de desespero. O Inferno é útil para nós apenas como motivo de grande diligência, grande rigor, grande circunspecção e grande temor. Mas com o Purgatório é diferente. Suponho que todos nós esperamos, ou temos a certeza, de que iremos para lá. Se não damos muita atenção ao assunto, então devemos ter uma vaga noção de irmos direto para o Paraíso tão logo sejamos julgados.

Mas se seriamente refletimos sobre matéria, sobre nossas vidas, sobre a santidade de Deus, sobre o que lemos em livros de devoção e vidas dos santos, não posso conceber que qualquer um de nós tenha a expectativa de escapar do Purgatório ou deixe de sentir que nossa ida para lá não deixa de ser um esforço da misericórdia divina. Pensar de outro modo seria mais uma vã presunção do que uma esperança heróica. Se, então, realmente pensamos que nosso caminho para o Paraíso passará pelas punições do Purgatório – pois certamente a purificação se dá por meio da punição – devemos muito nos interessar em conhecer o que é comum a ambas as visões do Purgatório que prevalecem na Igreja.

A duração do sofrimento

Em primeiro lugar, ambas as visões concordam que as penas são extremamente severas tanto em razão do fim que Deus dá a elas, quanto por serem aplicadas em almas sem corpo. Ambas concordam também acerca da duração dos sofrimentos. Essa matéria requer ponderação, já que é difícil convencer as pessoas. Contudo tal convicção traz grandes benefícios para nós e para os outros.

Essa duração pode ser compreendida de dois modos: primeiramente, como duração real de tempo, e em segundo lugar, como uma duração aparente, devida à intensidade das penas. Com relação à primeira, se consultarmos as revelações de Irmã Francisca de Pamplona, encontraremos, dentre centenas de casos, que a grande maioria sofre trinta, quarenta ou sessenta anos. Eis alguns exemplos: um santo bispo que, por alguma negligência em suas mais altas funções, estava no Purgatório por cinquenta e nove anos quando apareceu para a serva de Deus; outro bispo, cuja liberalidade lhe granjeou o apelido de «o caridoso», tinha estado lá por cinco anos[20] porque tinha desejado dignidade de bispo; outro bispo passou lá quarenta anos; um padre, quarenta anos, porque por sua negligência, algumas pessoas doentes morreram sem os Sacramentos; outro padre, quarenta e cinco anos, por negligência em suas funções ministeriais; um homem, cinquenta e cinco anos por sua afeição aos prazeres do mundo. Bispos, em geral, segundo suas revelações, parecem permanecer mais tempo, e sofrer com extremo rigor.

Para não multiplicar exemplos, o que seria fácil fazer, essas revelações podem nos ensinar grande vigilância e infatigável perseverança na oração pelos mortos. Os princípios básicos que fundamentam as missas perpétuas incorporam o mesmo sentimento. Temos a propensão de desistir muito cedo e a imaginar, com um sentimentalismo tolo e insensato, que nossos amigos estão livres do Purgatório muito antes do que realmente estão. Se Irmã Francisca contemplou as almas de muitas carmelitas fervorosas, algumas das quais obraram milagres quando vivas, ainda no Purgatório dez, vinte, trinta, sessenta anos depois de sua morte – e ainda nem perto de sua libertação, como muitas lhe disseram – o que não acontecerá conosco e com aqueles que nos são caros?

Então, quanto à duração aparente, devido à intensidade das penas, há muitos exemplos registrados nas crônicas dos franciscanos, na vida de São

Francisco de Jerônimo e em outros lugares, de almas que aparecem uma ou duas horas depois da morte e pensam que estão há muitos anos no Purgatório. Este talvez seja o caso daqueles que forem surpreendidos pelo julgamento do Senhor, no último dia.

Faltas «triviais»

Ambas as visões concordam, uma vez mais, em afirmar que o que, no mundo, consideramos faltas muito triviais são punidas severamente, com aflições, no Purgatório. São Pedro Damiano nos apresenta muitos exemplos disso, e outros são colhidos e citados por São Roberto Belarmino. Nestes exemplos, são freqüentes os casos de leves sentimentos de auto-complacência, insignificantes desatenções na recitação do ofício divino, ou coisas similares. Irmã Francisca menciona o caso de uma menina de catorze anos de idade no Purgatório, porque não estava completamente conformada com a vontade de Deus acerca de sua morte tão jovem; e uma alma lhe disse: «Ah, os homens, enquanto no mundo, pouco pensam em suas faltas, que lhes são quase imperceptíveis, e o quão rigorosamente eles pagarão por elas aqui!». Ela viu inclusive almas serem imensamente punidas por somente terem tido escrúpulos nesta vida; ou, penso eu, porque havia muita vontade própria nos escrúpulos, ou porque elas não os abandonaram quando a obediência era devida. Noções erradas sobre pequenas faltas nos levam, assim, a descuidar dos mortos, ou a deixar de lado, muito cedo, nossas orações, e também nos impedem de ter uma lição útil para nós mesmos.

O desamparo das pobres almas

As duas visões novamente concordam acerca do desamparo das santas almas. Elas se prostram como o parálítico próximo à piscina. Parece como se a vinda do anjo não lhes fosse uma benção eficaz, a menos que exista um de nós para ajudá-las. Algumas pensam até que são incapazes de rezar. De todo modo, elas não têm meios de se fazerem ouvir por nós de cuja caridade dependem. Alguns escritores afirmam que Nosso Senhor não as auxiliará sem nossa cooperação, e que a Santíssima Virgem não as podem ajudar, exceto de modo indireto, porque ela não pode satisfazer por elas – embora eu nunca goste de ouvir sobre algo que nossa terna mãe não possa fazer e considere com suspeição tais afirmações. Qualquer que seja o valor dessas opiniões, elas, pelo menos, ilustram a gravidade com que os teólogos consideram o desamparo das santas almas. [Cf. Jo 5, 2-11]

Assim, uma outra característica desse desamparo é o esquecimento dos que ainda vivem, ou a cruel lisonja destes que sempre consideram que os entes queridos ou próximos sempre morrem em odor de santidade. Esses indivíduos sentiriam algum escrúpulo se soubessem quantas missas e orações eles roubam das almas pela exageração egoísta de suas virtudes. Uso o termo egoísta, pois isto não é mais que um miserável artifício para consolá-los em sua dor. O estado real das santas almas é aquele do mais absoluto desamparo. Elas não podem fazer penitência; não podem acumular méritos, nem podem apresentar nenhuma satisfação pelos seus pecados; não podem ganhar indulgências, estão privadas dos sacramentos, não estão sob a jurisdição do Vigário de Cristo, que as ofereceriam a plenitude dos meios de obtenção de graças e uma multidão de bênçãos. Elas constituem uma parte da Igreja sem sacerdócio ou altar à sua disposição.

A eterna pureza de Deus

Esses são os pontos comuns às duas visões do Purgatório; e quão variadas são as lições que aprendemos delas, para o nosso próprio bem e para o bem das santas almas. No nosso caso, quanta luz tudo isso não lança sobre a negligência, a indiferença e o amor às comodidades? O que não somos levados a pensar sobre cumprir nossas devoções com o mero espírito de formalidade, ou por hábito? Que mudança não deveria operar em nossa vida! Que diligência não nos imporia em nossos exames de consciência, nossas confissões, nossas comunhões e orações! Parece que a graça de todas as graças, pela qual deveríamos permanentemente importunar nosso querido Senhor, seria odiar o pecado com algo daquele ódio que Ele o odiou no Jardim das Oliveiras.

Ah, não é a pureza de Deus algo terrível, indizível, adorável? Aquele que é Ele mesmo um ato puro, continua a agir, multiplicando Seus atos desde a Criação, e ainda assim continua imaculado! Ele está sempre se mesclando, com a mais inefável complacência, como tudo o que Lhe é inferior – e ainda assim sem mácula! Ele ama Suas criaturas com um amor imensuravelmente mais intenso do que a mais violenta paixão terrena – e ainda assim sem mácula! Ele é onipotente, e mesmo assim está além dos limites de Seu poder ser maculado de qualquer forma. Ele é tão puro que a simples visão d'Ele causa eterna pureza e bem-aventurança. A pureza de Maria é apenas uma pálida sombra dela. Não, nem a própria sagrada humanidade de Nosso Senhor pode adequadamente adorar a pureza do Altíssimo. E nós somos destinados a descansar para sempre em seus braços; por entre aquelas chamas da pureza incriada. Contudo, olhemos para a nossa vida; façamos nosso coração percorrer fielmente um só dia, e vejamos de que ele é constituído; de quantas intenções suspeitas, de quanto respeito humano, de quanto amor próprio e pusilanimidade – mesmo nossas devoções são por isso tudo manchadas. E não nos parece que o Purgatório, mesmo sete vezes mais quente e durando até o dia do Juízo Final, seja não mais que um agradável noviciado a nos preparar para a visão do Santo dos santos?

Revolta contra o pensamento do Purgatório

Mas há pessoas que se revoltam contra o pensamento do Purgatório. É como se fosse insuportável conceber que depois de termos tentado durante toda a vida servir a Deus, depois de termos conseguido o feito incrível de uma boa morte, passemos das agonias do leito de morte ao ardente, penetrante, triunfante, incomparável e duradouro fogo do Purgatório.

Infelizmente, caro amigo, a revolta não o ajudará ou alterará os fatos! Mas eu pergunto: você já pensou suficientemente sobre Deus? Tentou perceber Sua santidade e pureza em assíduas meditações? Há um real divórcio entre você e o mundo, que você sabe ser inimigo de Deus? Você ficou do lado de Deus? Esposou seus interesses? Ansiou por Sua glória? Você já colocou lado a lado o pecado e a Paixão do Salvador e os comparou cuidadosamente? Ah, se tiver feito tudo isso, o Purgatório lhe parecerá a última, inesperada e inexprimivelmente terna invenção de um amor obstinado que está misericordiosamente determinado a salvá-lo apesar de você. Será uma maravilha eterna, um alegre frescor matinal, alimento e bebida para sua alma, saber que, sendo você o que é, o que você sabe que é, conhecendo Deus o que você é, ainda assim você esteja eternamente salvo! Lembre-se o que a alma sofredora disse tão simplesmente, ainda assim com tanta força, a Irmã Francisca: «Ah, os homens, enquanto no mundo, pouco pensam em suas faltas e o quão rigorosamente eles pagarão por elas aqui!».

Ficar revoltado pela possibilidade de ir para o Purgatório! Que tolice! Pode ser que isso seja uma falsa lisonja e que você nunca seja bom o suficiente para lá estar. Porque você não reconhece sua sorte ao saber da existência do Purgatório? E ninguém vai para lá, exceto os humildes! Lembro-me que foi revelado a Maria Crocifissa[21] que, embora muitos santos ainda na terra amem a Deus mais do que alguns no Céu, ainda assim, os maiores santos na terra não são tão humildes quanto as almas no Purgatório. Não me recordo de ter lido nada na vida dos santos que tenha me causado maior impressão. Veja que é descabida qualquer indignação, pois chegam ao Purgatório só aqueles que se consideram merecedores do Inferno.

Nosso poder de auxiliar as pobres almas

Aprendemos lições não só para o nosso próprio bem, mas também para o bem das santas almas. Percebemos que nossas caridosas atenções para com elas devem ser muito mais vigorosas e perseverantes do que têm sido; pois os homens vão para o Purgatório por motivos muito leves, e permanecem lá um tempo inesperadamente longo. Mas o apelo mais tocante que nos chega das santas almas é seu desamparo; e nosso doce Senhor, com Sua amorosa disposição, nos deu poder de ajudá-las que é proporcionado à impotência delas. Alguns teólogos afirmam que a oração pelas santas almas não é infalivelmente atendida. Confesso que seus argumentos não me convencem; mas, ainda que tenham razão, que maravilhoso é ainda o poder que podemos exercer em favor dos mortos!

Santo Tomás nos ensinou que orações para os mortos são mais prontamente atendidas por Deus que orações para os vivos. Podemos oferecer por eles e aplicar-lhes todas as satisfações de Nosso Senhor. Podemos fazer penitência vicária por eles. Podemos dar-lhes todas as satisfações de nossas ações ordinárias e oferecer-lhes todos os nossos sofrimentos. Podemos transferir-lhes, ao modo de sufrágio, todas as nossas indulgências, que a Igreja permite serem aplicáveis aos mortos. Podemos dirigir para as almas dos mortos, ou para algumas delas, as intenções do Santo Sacrifício. A Igreja, que não tem sobre elas nenhuma jurisdição, pode, ainda assim, tornar as indulgências aplicáveis a elas por meio de sufrágio, e por meio da liturgia, comemorações, incenso, água benta, etc., e sobretudo por meio de altares privilegiados,[\[22 \]](#) e assim socorrê-las eficazmente. A comunhão dos santos fornece as veias e os canais por meio dos quais tudo isso pode alcançá-las. O próprio Céu se digna a servir-se de nós aqui na terra para fazer chegar às santas almas seus favores. A sua Rainha as ajuda nos colocando a trabalhar por elas, e os anjos e santos deixam cair seus dons sobre nós e nos fazem seus provedores; somos muitas vezes seus provedores sem que o saibamos. Nosso Senhor Se digna a nos olhar como se dissesse: «Eis minhas armas, trabalhem por Mim!» tal como um pai deixaria seu filho realizar parte de seu trabalho, embora correndo o risco de vê-lo mal feito.

Possuir tais poderes e não usá-los seria a maior irreverência a Deus, e também falta de caridade aos homens. Nada é mais irreverente, pois nada é menos filial do que recuar ante tais dons de Deus simplesmente por sua

exuberância. Os homens têm um sentimento de segurança por não se envolver com coisas sobrenaturais; mas a verdade é que não podemos ficar à distância, do lado de cá e estarmos seguros. O naturalismo é uma coisa insegura. Se não adentrarmos no sistema e tomamos humildemente nosso lugar, ele nos arrastará e nos esmagará. O medo do sobrenatural é o mais inseguro dos sentimentos; inveja dele é uma profecia da perda eterna, que muito freqüentemente se realiza.

Tudo quanto até agora tenho dito tem sido, pelo menos indiretamente, uma defesa em favor da devoção às santas almas. Devo, agora, elaborar uma recomendação mais direta.

²⁰ Provavelmente aqui o correto seja cinquenta anos, embora na edição inglesa esteja cinco anos – NT.

²¹ Trata-se da Venerável Irmã Maria Crocifissa della Concezione – no século, Isabella Tomasi – (1586-1699), irmã de São José Maria Tomasi (1649-1713), clérigo teatino e cardeal da Santa Igreja Romana. Irmã Maria foi religiosa beneditina, e inspirou a personagem Beata Corbera, do romance *O Leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957). Sua vida mística ficou bastante conhecida pelos dons extraordinários que lhe foram concedidos pela graça divina, e também pelas obsessões demoníacas, especialmente a famosa *Carta do Diabo*, um curioso bilhete com garranchos ilegíveis escrito pelo Maligno durante os seus terríveis ataques. Ainda hoje a carta é conservada no arquivo do Mosteiro Beneditino de Palma di Montechiaro, Sicília. Já a revelação à qual se refere Pe. Faber ocorreu durante uma novena de orações, penitências e humilhações, um pedido de Nosso Senhor à Irmã Maria Crocifissa em favor das almas do Purgatório – NC.

²² Um altar é dito privilegiado quando, além dos frutos ordinários do Sacrifício Eucarístico, uma indulgência plenária é também concedida toda vez que uma missa é nele celebrada – NT.

CAPÍTULO VI

OUTROS BENEFÍCIOS DA DEVOÇÃO ÀS ALMAS DO PURGATÓRIO

Não é exagero afirmar que a devoção às santas almas é uma espécie de centro em que todas as devoções católicas se encontram e que satisfaz nossos deveres mais do que qualquer outra devoção particular. Isto porque ela é uma devoção constituída toda de amor, e amor desinteressado. Se lançarmos os olhos às principais devoções católicas, veremos a verdade do que se acabou de afirmar. Consideremos a devoção de Santo Inácio à glória de Deus. Esta, se me for permitido d'Ele assim falar, era a devoção especial e favorita de Jesus.

Ora, o Purgatório é simplesmente um campo imaculado para a colheita da glória de Deus. Nenhuma oração sequer pode ser feita pelas santas almas sem que Deus seja imediatamente glorificado, tanto pela fé quanto pela caridade da simples oração. Nem um único alívio, por menor que seja, recai sobre as almas sem que Ele seja de pronto glorificado pela honra do precioso sangue de Seu filho, e pela aproximação das almas da felicidade eterna. Nenhuma alma é libertada de sua provação sem que Deus seja imensamente glorificado. Ele coroa seus próprios dons nessa tão cara alma. A cruz de Cristo triunfou. O decreto da predestinação é vitoriosamente cumprido, e a corte celeste conta com mais um adorador. Ademais, a glória de Deus, Sua mais doce glória, a glória de Seu amor, é mais cedo ou mais tarde estabelecida infalivelmente no Purgatório porque ali não há pecado, nem a possibilidade de se cometê-lo. É apenas uma questão de tempo. Todo ganho é um ganho real. Tudo o que é colhido é puro trigo, sem a mistura de joio.

A devoção às santas almas honra a sagrada humanidade de Jesus

Mas, qual devoção é mais cara aos cristãos do que a devoção à sagrada humanidade de Jesus? Ela é mais exatamente uma família de várias e belas devoções do que uma única devoção. Apesar disso, vejamos como elas são todas, por assim dizer, realizadas, afetuosamente realizadas, na devoção às santas almas. Quanto mais prontamente as almas são liberadas do Purgatório, mais a bela colheita de Sua sagrada Paixão é multiplicada e acelerada. Uma colheita temporã é uma benção, assim como uma colheita abundante; pois toda demora no ingresso de uma alma na glória celeste é uma perda eterna e irremediável da honra e glória da aagrada humanidade de Jesus.

Como as coisas soam estranhas na linguagem do santuário! Contudo, esta é a verdade. Onde mais pode a sagrada humanidade de Jesus ser mais honrada do que no sacrifício da missa? E aqui se encontra nossa principal ação sobre o Purgatório. A fé no uso de Seus sacramentos em benefício dos mortos é uma agradável homenagem a Jesus; e o mesmo por ser dito acerca da fé nas indulgências, altares privilegiados, etc. Todos os poderes da Igreja fluem de Sua sagrada humanidade e se constituem louvores e ações de graças perpétuos a ela. Então, essa devoção Lhe presta honras por imitar Seu zelo pelas almas. Pois esse zelo é distintivo de Seu povo, e uma herança que Ele deixou.

Nossa Senhora, os anjos, os santos padroeiros, os fundadores

A devoção à nossa mãe Santíssima está igualmente compreendida na devoção às santas almas, quer a vejamos como a mãe de Jesus, também compartilhando as honras de Sua sagrada humanidade, quer como a mãe de misericórdia, especialmente honrada[23] pelos trabalhos de misericórdia, ou, por último, como a Rainha do Purgatório e, como tal, tendo todo o interesse no bem-estar e na libertação daquelas almas sofredoras.

Em seguida, podemos colocar a devoção aos santos anjos, que é também satisfeita na devoção às santas almas, que continua a proporcionar o preenchimento dos tronos vacantes nos coros angélicos, aqueles horríveis lugares vagos deixados pela queda de Lúcifer e de um terço das hostes celestes, multiplicando as companhias dos espíritos bem-aventurados. É de se supor que os anjos olhem com um interesse especial essa porção da Igreja que se encontra no Purgatório, porque ela já está coroada com seu próprio dom e ornamento da perseverança final, mas não pode ainda gozar, como eles, sua herança. Muitos deles têm um terno interesse pessoal no Purgatório. Milhares, talvez milhões deles, são guardiões daquelas almas, e sua tarefa não está ainda completa. Milhares têm ali clientes, que lhes foram especialmente devotados em vida. Será São Rafael, que foi tão fiel a Tobias, menos fiel aos seus clientes que ali permanecem? Coros inteiros estão interessados nas santas almas, seja porque elas devam ser finalmente a eles reunidos, seja porque quando em vida elas lhes tiveram uma especial devoção. Irmã Marie-Denise, da Ordem da Visitação, costumava agradecer seu anjo da guarda todo dia pela graça que recebera de permanecer fiel, quando outros sucumbiram. Esta era, como disse antes, a única coisa que ela conhecia da vida passada de seu anjo. Poderia ele desprezá-la, caso ela fosse, pela vontade de Deus, para o Purgatório? São Miguel, como Príncipe do Purgatório, cuja regência Nossa Senhora lhe delegou, em cumprimento de sua cara missão, que lhe foi atribuída pela Igreja na missa para os mortos, recebe como homenagem a ele toda a caridade em favor das santas almas; e se é verdade que um coração ardente seja prova de um coração repleto de gratidão, esse espírito impetuoso e magnificante nos recompensará um dia, de um modo próprio de um príncipe, e talvez dentro dos limites daquela sua especial jurisdição.

Tampouco a devoção aos santos deixa de se relacionar com a devoção aos mortos. Esta devoção os enche das delícias da caridade, aumenta seu número, embeleza suas fileiras e ordens. Inúmeros santos padroeiros estão pessoalmente interessados nas multidões das almas. As relações afetuosas entre eles e seus clientes não apenas subsistem, mas uma profunda ternura a elas se soma por causa dos terríveis sofrimentos, e um interesse mais vivo por causa da vitória alcançada. Os santos veem nas santas almas sua própria obra, o fruto de seu exemplo, a resposta de suas orações, o sucesso de seu patrocínio, a beleza da coroa construída por sua intercessão afetuada.

Tudo isso se aplica com particular força aos fundadores das ordens e congregações. Ah, aqueles santos, aqueles fundadores, são os filhos do Sagrado Coração! Eles foram concebidos em suas cavidades mais internas; foram amamentados com o mais seletto sangue, mais delicado que o leite, e mais estimulante que o vinho das inigualáveis uvas de Engaddi; sua caridade penetrou o segredo de Sua compressão e dilação. Quem pode aquilatar como os fundadores anseiam por suas filhas ainda sofrendo naquelas chamas purificadoras? Aquelas almas lhes prestaram culto quando ainda viviam; elas viviam na casa de seu pai e fundador; sua voz soava permanentemente em seus ouvidos; o dia de sua festa eram dias de música, alegria e luz espiritual; suas relíquias eram sua couraça, sua regra era para elas um segundo Evangelho; suas palavras e feitos estavam sempre em seus lábios; seus hábitos eram-lhes tão caros quanto são as vestes de um monarca oriental para seus súditos. Ele estava com elas durante todo o dia; elas o amavam com um amor venturoso; louvavam-no a tal ponto que os homens se riam de seu orgulho de família; temiam-no sobremaneira, de modo que um olhar de reprovação que caísse sobre suas almas era uma calamidade pior do que o fogo, ou a espada, ou a peste; e quando delas se aproximou a morte, seu nome, e nenhum outro, exceto os nomes de Jesus e Maria, pôde suavizar a mente agitada, afastar os ataques do demônio, e assim acalmar os sobressaltos e as preocupações que, mesmo não prejudicando a perfeição de nossa paciência, despojam a morte de seus inspiradores encantos. Não admira que seu fundador deva amá-las quando contempla, em seu confinamento imaculado e belo, as gemas de sua ordem, a glória de sua regra, nas chamas expiatórias! [Cf. Ct 1,13]

*Nossa caridade para com as pobres almas;
e os benefícios para com as nossas próprias*

Mas há ainda outra peculiaridade nessa devoção aos mortos. Ela não se assenta em palavras ou sentimentos, nem leva apenas a uma ação que se produz indireta e demoradamente. Ela é ação em si mesma, e assim é uma devoção substancial. Ela fala, e tudo se faz; ama, e uma dor é aliviada; sacrifica-se, e uma alma é libertada. Nada pode ser mais sólido. Podemos quase ousar compará-la, em sua pobre medida, à efetiva voz de Deus, que opera o que diz, e que quando ordena e deseja, surge uma criação.

A devoção soberana da Igreja são as obras de misericórdia; e veja como elas são todas satisfeitas nessa devoção aos mortos! Ela sacia a fome das almas oferecendo-lhes Jesus, o pão dos anjos. Dá-lhes de beber, em sua incomparável sede, Seu precioso sangue. Veste os nus com o manto da glória. Visita os enfermos com formidáveis poderes de cura, ou pelo menos os consola pela visita. Liberta os cativos com a liberdade celestial e eterna, da servidão que é mais temível que a morte. Dá abrigo aos peregrinos, e o Céu é a hospedaria em que os recebe. Enterra os mortos no seio do Senhor, num descanso eterno.

Ó, quando o Juízo Final chegar, e Nosso Senhor perguntar aquelas sete questões de Seu processo judicial, os interrogatórios das obras de misericórdia, quão feliz ficará aquele homem – que poderá ser o mais pobre mendigo entre nós, que nunca deu esmolas, pois ele mesmo vivia de esmolas – que ouvirá sua defesa assumida suave e eloqüentemente por uma multidão de almas bem-aventuradas pelas quais ele fez todas essas coisas enquanto elas estavam cativas na prisão da esperança! Três vezes por dia São Francisco de Sales punha-se na presença de Deus, como frente a seu juiz e tentava julgar a si mesmo como seu salvador o faria. Façamos apenas isso, e nos tornaremos servos de São Miguel, anjos da guarda daquela bela, embora melancólica, região onde as almas sofrem e esperam.

Fé, esperança e caridade

Outro ponto de vista através do qual devemos olhar para essa devoção aos mortos é um exercício especialmente completo e belo das três virtudes teologais: da fé, da esperança e da caridade, que são fontes sobrenaturais de toda a nossa vida espiritual. É um exercício de fé porque leva os homens não somente a apoiar-se no mundo invisível, mas a trabalhar por ele com tanta energia e convicção como se esse mundo estivesse ante seus próprios olhos. Pessoas descuidadas ou pouco instruídas assustam-se às vezes com a minuciosidade, familiaridade e segurança com que os homens falam do mundo invisível como se fosse as margens do Reno, ou os olivais da Provença, ou a *campagna romana*, ou a enseada de Nápoles, um lugar que eles tenham visto em suas viagens e cujas características geográficas estejam sempre em sua memória tão vivamente quanto se estivessem ante seus olhos.

Fé

Tudo isso – a devoção às pobres almas – vem da fé, da oração, da leitura espiritual, do conhecimento da vida dos santos e do estudo da teologia. Seria estranho e triste se não fosse assim. Pois, o que é para nós, tanto em interesse quanto em importância, o mundo que vemos quando comparado com o mundo que não vemos? Essa devoção exercita nossa fé também nos efeitos do sacrifício e nos sacramentos, que são coisas que não vemos, mas de que falamos diariamente em referência aos mortos como fatos indubitáveis e consumados. Exercita nossa fé na comunhão dos santos a um grau que faria parecer impossível a um herege crer numa doutrina tão extravagante. Trata as indulgências como as transações materiais mais inevitáveis deste mundo. Conhece o tesouro invisível donde vêm as indulgências, as chaves que abrem o tesouro e o poder ilimitado que as coloca infalivelmente em suas mãos. Ela sabe que Deus as aceita, juntamente com o trabalho invisível que elas realizam; está convencida disso como da existência de árvores e nuvens, de ruas e igrejas – isto é, tão certamente e indubitavelmente, embora não possa apresentar provas dessas coisas, nem explicá-las a si mesma.

A difícil doutrina da satisfação não oferece dificuldade à fé dessa devoção. Ela se move em torno dessa doutrina com desembaraço, concebe seus próprios planos, transfere suas satisfações daqui para lá, dirige esta para uma direção, aquela para outra, assegurando-se para tudo isso o paternal consentimento de Deus. Os detalhes diários da vida doméstica não são organizados com mais calma e serenidade do que nossa devoção dispõe essas coisas secretas, que a cada momento apresentam questões que estão entre as mais difíceis que o entendimento humano pode enfrentar. Exibe a mesma fé serena em todas aquelas devoções católicas que mencionei anteriormente, que são centradas nessa devoção aos mortos. É como o profeta e apóstolo diz: «Ora, o meu justo viverá de fé; mas, se retroceder, não será aceito à minha alma»; mas o que é fé senão a «consistência daquilo que se espera, demonstração de realidades que não se vêem»? [Hb 10,38] [11,1]

Esperança

Essa devoção não é um exercício menos heróico da virtude teologal da esperança, virtude tão tristemente em falta na vida espiritual de nossos dias. Pois, vede que soberbo edifício levanta esta devoção; edifício de grandes, variadas e magníficas proporções, ao qual de um modo ou de outro toda a criação é atraída, desde a pequena dor de cabeça que experimentamos até a sagrada humanidade de Jesus, e que tem mesmo a ver com o próprio Deus. E em que isso tudo repousa senão numa simples e filial confiança na fidelidade de Deus, que é o motivo sobrenatural da esperança? Esperamos pelas almas que socorremos; esperamos que sobre elas recaiam ilimitadas bênçãos. Esperamos encontrar misericórdia para nós mesmos, ao sermos misericordiosos; e esta esperança suscita nossos esforços sem desvirtuar o mérito de nossa caridade. Se cedemos as próprias satisfações e indulgências que ganhamos às almas no Purgatório, ao invés de as guardarmos para nós, o que é isso senão um exercício heróico da esperança? Lançamo-nos nos braços de Deus. Sequer pensamos que com isso estamos nos condenando a permanecer vários anos a mais naquelas chamas inexpugnáveis. Fechamos os olhos, sufocamos esse pensamento no nascedouro, damos nossas esmolas e nos lançamos aos braços de Deus. Não seremos iludidos em nossa esperança. Quem jamais confiou n'Ele e foi enganado? Não! Não! Tudo dá certo quando é entregue a Deus.

Então, repito, essa devoção tem tudo a ver com as coisas de além túmulo, sendo aí a região da esperança. Ela habita por trás do véu. «Somente em esperança nós já fomos salvos. Ora, já ver o que se espera não é esperança; pois aquilo que, de fato, já se vê, como esperá-lo ainda? Mas, se aquilo que não vemos é que esperamos, é pela nossa paciência que o aguardamos». Pois, o estado dos mortos não é sonho, nem é sonho nosso poder de socorrê-los, tal como não é sonho a pureza de Deus ou Seu precioso sangue. Assim, embora haja muitas consolações, somos nós que temos «um poderoso conforto os que procuramos a salvação, aferrando-nos à esperança que nos é oferecida. Esta é para a nossa alma como âncora firme e segura e que penetra até para além da cortina, onde, como precursor, Jesus entrou por nós, constituído, à maneira de Melquisedec, sacerdote para sempre». [Rm 8, 24-25] [Hb 6, 18-20]

Caridade

Quanto à caridade dessa devoção, ela ousa imitar até mesmo a caridade do próprio Deus. O que há no Céu ou na terra que ela não abarque – e com tanta facilidade, com tanto encanto, como se não houvesse nela nenhum esforço, ou como se o egoísmo desaparecesse, como por encanto, e não pudesse imiscuir-se para perturbá-la? É um exercício do amor de Deus, pois é amar a quem Ele ama, e amá-los porque Ele os ama, é aumentar Sua glória e multiplicar Seu louvor. Há milhares de amor a Deus nesse único amor, como poderemos ver se refletirmos sobre aquelas santas almas e percebermos tudo que está implícito na entrada final de uma alma na felicidade eterna. É amor à sagrada humanidade porque exalta a copiosa redenção de Jesus. Essa devoção honra seus méritos, satisfações, preceitos e mistérios. Povo a Céu, e glorifica Seu sangue. Ela é plena de Jesus, de Seu espírito, de Sua obra, de Seu poder, de Suas vitórias. Ela não deixa de ser tampouco um exercício de amor a Nossa Senhora, como já disse, e aos anjos e santos.

Quem pode exagerar a abundância dessa caridade; quer lhes demos a boa medida de tudo que a Igreja nos ordena, além de algumas espontâneas esmolas; quer lhes demos a medida toda de nossas satisfações durante nossa vida, o que não lhes é devida, por justiça, como fez Santa Gertrude; ou a medida que acrescentasse todas as satisfações que se nos oferecessem depois de nossa morte, segundo o heróico exemplo de Pe. Monroy;[24] ou a medida transbordante, que completa todas as obras especiais de amor, de promover essa devoção em nossas conversações, sermões e livros, ou de ainda estimular outros a oferecerem missas, comunhões, penitências e indulgências pelas santas almas? Essa prática inclui todos os homens sobre a terra, mesmo os pecadores não conversos, porque ela engrossa as fileiras da Igreja *Triunfante* e assim multiplica nossos intercessores que ainda estão combatendo na terra. É também para nós um exercício de caridade, pois angaria-nos amigos no Céu; granjeia-nos a misericórdia de Deus quando estivermos no Purgatório – vítimas serenas, mesmo assim, ó, em que agonia! Aumenta nossos méritos perante Deus e assim assegura, se perseverarmos, nossa eterna recompensa.

Ora, se essa ternura pelos mortos é um tal exercício dessas três virtudes teológicas, e se ademais mesmo a heróica santidade consiste principalmente no seu exercício, o que não deve nos reservar essa tocante e bela devoção?

Efeitos dessa devoção na vida espiritual

Uma excelência adicional dessa devoção deve ser encontrada em seus efeitos sobre a vida espiritual. Ela parece ser uma devoção especialmente dirigida a almas interiores. Mas o fato é que ela é tão repleta de doutrina, incorpora tanta coisa sobrenatural, que não nos surpreende a influência que exerce na vida espiritual.

Em primeiro lugar, ela é uma obra oculta, do princípio ao fim. Não vemos os resultados, de modo que há pouco alimento para a vanglória; não é uma devoção cujo exercício aparece aos olhos dos outros. Ela implica, ademais, um absoluto desprezo do egoísmo, pois desfazemo-nos de nossas próprias satisfações e indulgências nos mantendo ternamente interessados por um objeto que não nos concerne diretamente. Seu objetivo não é apenas a glória de Deus, mas Sua maior glória, e apenas a Sua glória. Ela nos leva a pensar puramente nas almas, o que é muito difícil de se fazer neste mundo material, e pensar nelas, também, simplesmente como esposas de Jesus. Desenvolvemos assim um hábito mental que é fatal ao espírito do mundo e à tirania do respeito humano, e que muito nos ajuda a neutralizar o veneno do amor próprio. O pensamento incessante nas santas almas faz-nos reter a imagem do sofrimento, não um sofrimento passivo, mas uma gozosa conformidade com a vontade de Deus. Ora, este é exatamente o espírito do Evangelho, a verdadeira atmosfera de santidade.

Excelentes efeitos dessa devoção

Além disso, tal devoção nos comunica, como se fosse por simpatia, os sentimentos daquelas santas almas, e assim faz crescer nossa hesitante, porém fiel, devoção à adorável pureza de Deus; e como, exceto no caso das indulgências aplicáveis aos mortos, exige-se um estado de graça para poder satisfazer pelo pecado dos outros, eis um ato especial reservado ao sacerdócio leigo dos membros de Cristo. O espírito da devoção é aquele da compenetração; e isto é um antídoto à frivolidade e à insensibilidade, e exerce maravilhosa influência sobre o caráter afetuoso que pertence à alta santidade. E quem pode dizer o que se tornará aquele que mantém constantemente e por anos a fio um modelo de ardor – ardor indizível e paciente – para estar com Nosso Senhor?

Ó, que coisa maravilhosa é a vida de um fervoroso católico! É quase onipotente, quase onipresente, porque não é tanto ele que vive, mas Cristo que nele vive! Ó, o que é isto que tocamos e manuseamos todos os dias de nossas vidas, que é tão repleto de vigor sobrenatural, de unção secreta, de força divina – que, não obstante, desconsideramos, descurando as intenções, perdendo o precioso tempo, em meio a esse estupendo sistema sobrenatural da graça, quase tão insensíveis quanto as pedras enterradas na terra que com ela perfazem inconscientemente suas impetuosas revoluções diárias!

23 A palavra usada aqui por Pe. Faber é *worshipped*, que tem a conotação de adorada. A doutrina da Igreja distingue três graus de culto (do latim, *cultus*). O culto a Deus, que é propriamente a adoração, a mais elevada forma de culto. O culto aos mártires, anjos e santos, que é chamado culto de *dulia*. O culto à Nossa Senhora, que por sua posição absolutamente supereminente entre todos os santos e anjos, é chamado de *hiperdulia*. Sem entrar em todos esses detalhes, Pe. Faber, como grande teólogo que é, adiciona uma nota em seu texto, depois da palavra *worshipped*, que diz: «Não me abstenho de usar esta palavra como a tradução da palavra *cultus*; farta experiência mostra que objetores obstinadamente repetirão suas objeções, não importa o que façamos para aplacá-los, e eles preferem triunfar no espetáculo de fraqueza do que apreciar a caridade de tais complacências. Perdemos por eles a nós mesmos sem ganhar nossos oponentes» – NT.

24 O *Ato heróico de caridade* «consiste em ceder, total e perpetuamente, todas as indulgências que se ganham e os merecimentos de todas as boas obras em favor das almas do Purgatório. A quem o praticar são concedidas indulgências plenárias: 1. todas as vezes que fizerem a santa comunhão; 2. todas as segundas-feiras em que ouvirem a santa missa pelas almas do Purgatório» (D. Beda Keckeisen, O.S.B. *Missal Dominical*, Tipografia do Mosteiro de São Bento, Bahia, 1938). Para saber mais sobre este piedoso ato, recomenda-se a leitura do excelente livro do servo de Deus Pe. João Batista Reus, S.J., *Ato de amor heróico em favor das almas do Purgatório*. E uma tradução deste *Ato*, extraído do missal citado acima, encontra-se na página que encerra este livro – NE.

CAPÍTULO VII

O EXEMPLO DOS SANTOS

Parece inútil enumerar os vários modos em que podemos praticar essa devoção. Eles são suficientemente conhecidos dos católicos, e analisá-los em profundidade exigiria um volume mais extenso que o presente. O adorável sacrifício e as indulgências serão certamente os principais meios de estender nossa caridade aos que partiram; e das devoções indulgenciadas, pretendo falar mais detidamente em outro lugar. É de se desejar que a bela devoção de se reservar o mês de novembro para as santas almas, do mesmo modo que consagramos o mês de maio à nossa santa mãe, possa se tornar coisa natural entre nós, e de observância universal. Não há devoção na Igreja que mais se adapte aos sentimentos deste país como aquela pelas santas almas no Purgatório. Mas devemos nos lembrar em todas as nossas práticas: 1) quão pequenas são as faltas que os homens bons devem expiar; e 2) quão longo é o processo, onde não há mérito algum em abreviar ou estender o valor dos sofrimentos.

Contudo, enquanto a seleção das práticas particulares podem ser deixadas com segurança à mercê da devoção de cada um, algo poderia ser dito acerca das devoções dos santos. Estas são, como se pode esperar, quase inesgotáveis. Certamente não vou sobrecarregá-los com muitas delas, mas desejo ilustrar e confirmar a doutrina precedente com exemplos de pessoas santas.

Os *Diálogos* de São Gregório Magno podem ser considerados como a principal fonte da devoção às santas almas dos séculos posteriores; e Pe. Pedro Fabro costumava dizer que embora São Gregório fosse um santo que devia ser amado e honrado por muitos motivos, nenhum deles, contudo, é mais importante que este, porque (uso as próprias palavras do padre) ele lúcida e transparentemente nos transmitiu a doutrina do fogo do Purgatório. Pois esse padre considerava que se São Gregório não nos tivesse contado tantas coisas das santas almas, a devoção das gerações seguintes teria sido muito mais fria: e então, quando ele próprio pregava essa devoção, costumava pregar também uma devoção especial a São Gregório.

Embora a devoção pelos mortos caracterize a maior parte dos santos de um modo muito especial – pois, Santo Tomás nos diz que a caridade está incompleta até que inclua tanto os mortos quanto os vivos – no entanto, tem havido certas pessoas santas que parecem ter sido separadas por Deus em

seus sacrifícios de natureza precipuamente sobrenaturais pelas almas no Purgatório. A Irmã Josefina de Santa Inês, religiosa da Ordem de Santo Agostinho, era uma dessas pessoas, e a Irmã Francisca de Pamplona, carmelita, era outra. Ambas pareciam viver por um único objetivo. Mantinham contínuas comunicações com as almas dos mortos. Suas celas ficavam freqüentemente repletas delas. A da Irmã Inês era quase sempre caracterizada como lugar de purgação para muitas almas. E em outros aspectos, o caráter de santidade dessas duas religiosas era também sobremaneira similar. Acerca do Purgatório, podemos, com menor escrúpulo, fazer uso de tais revelações a partir do exemplo de tão grave autoridade como é o próprio cardeal São Roberto Belarmino, que, em seu tratado sobre o Purgatório, como já mencionei, acrescenta sempre alguma revelação privada como um distinto argumento de prova. Por muitas razões, prefiro escolher meu exemplo da vida da Irmã Marie-Denise, da Ordem da Visitação, que morreu no convento de Annecy em 1653; e não vou me desculpar pela extensão de minha narrativa, porque um exemplo descrito integralmente ilustrará melhor o assunto do que diversas passagens mais curtas.

Experiências da Irmã Marie-Denise de Martignat

Na época em que Mademoiselle de Martignat trocou a corte da França pela de Carlos Emmanuel em Turin, havia uma senhora que lá vivia que atendia pelo nome de Madre Antée. Ela recebera do Espírito Santo um dom especial de se devotar ao serviço das almas do Purgatório. Ela já tinha então dedicado vários anos a tal serviço, e ao conhecer Mlle. de Martignat, obteve de Deus por suas preces que Marie-Denise a sucedesse em seu sublime ofício; e, de fato, sua alma (de Madre Antée) foi a primeira alma que Marie-Denise viu, saindo do Purgatório depois de uma detenção de cinco horas lá, por não ter seguido as inspirações que tivera sobre certas boas obras. Madre Antée contou-lhe que ela seria freira, como São Francisco de Sales lhe teria aludido em Paris anos antes. No devido tempo, foi-lhe conseguida sua admissão no Convento da Visitação em Annecy. Marie-Denise foi acompanhada em sua jornada por uma multidão de santas almas, cuja presença lhe era tão sensível que ela não percebeu que passou pelo Monte Cenís, tão absorta estava com elas. Pelas preces de Madre Antée, Marie-Denise recebera, estando em oração diante do Santo Sudário de Turim, uma poderosa e misteriosa graça sobre as almas do Purgatório; e seus primeiros anos em Annecy foram empregados em práticas a favor delas. Elas revelavam-lhe várias coisas; por exemplo, no tempo em que desempenhou as funções de enfermeira, elas lhe contaram que em nenhum lugar havia mais demônios que numa enfermaria, pois é lá que a alma luta sua última batalha pela eternidade.

Ela era sempre acompanhada por elas [as pobres almas], e sua presença lhe era sensível. Ela disse à superiora que ao contrário de temer, ficava mais à vontade entre uma multidão de tais almas do que entre suas irmãs da comunidade, e que considerava mais frutífero à sua alma a conversação com as almas dos mortos do que com os vivos. Ela obtinha tantas medalhas indulgenciadas quanto podia e, em seus períodos de recreação, sempre pregava esta sua devoção favorita. Sua superiora expressou, certa vez, o desejo de ser visitada por uma alma do Purgatório, se a visita a fizesse mais humilde e mais aceitável a Deus. Marie-Denise respondeu: «Verdadeiramente, minha amada mãe, se tal é vosso desejo e vossa coragem, rezemos a Nosso Senhor que vos conceda». Tendo a superiora concordado, ela ficou impressionada que na mesma noite tenha recebido um misterioso sinal de uma alma sofredora que, daquele momento em diante, se tornou seu

freqüente visitante. Muitas irmãs dormiam no quarto da superiora e foram testemunhas oculares e auriculares de tais visitas; e isto continuou por sete meses.

Ao fim desse período, Marie-Denise disse à superiora que o prolongamento das dores do Purgatório, tal como aquelas da alma que a visitara, devia ensinar-lhe quão mais as almas são detidas naquele sofrimento do que o que ela antes supunha, e isto acontecia por quatro razões: primeiramente, por causa da pureza inconcebível que a alma deve ter antes que possa se colocar na presença d'Ele que é a santidade e pureza essencial, e que ninguém entra em Sua gloriosa cidade se não for tão puro quanto a própria cidade. Em segundo lugar, por causa da inumerável quantidade de pecados veniais que cometemos em nossa vida, e a *pequena penitência que fazemos pelos pecados mortais que confessamos*. Em terceiro lugar, por causa da inabilidade de nossas almas em se auxiliarem; e, em quarto lugar, por causa da tibieza e negligência de grande parte dos cristãos em suas orações e boas obras por essas almas, pois as almas são esquecidas pelos vivos tão logo desaparecem de seus olhos, ao passo que a verdadeira caridade seguirá aqueles a quem ama através das chamas do Purgatório até as delícias do Paraíso.

O príncipe que morreu num duelo

A festa de Nossa Senhora dos Anjos era um dia em que Marie-Denise obtinha a liberação de muitas almas do Purgatório. Uma vez, depois da comunhão naquele dia, ela sentiu um forte movimento interior, como se Nosso Senhor estivesse tirando sua alma do corpo e a levando às margens do Purgatório. Ali, Ele mostrou-lhe a alma de um poderoso príncipe que tinha sido morto num duelo, mas a quem Deus deu a graça de fazer um ato de contrição antes do último suspiro; e lhe foi ordenado que rezasse especialmente por ele. Ela fez isso por nove anos e três meses; chegou mesmo a oferecer sua vida em sacrifício pela alma dele, e mesmo assim ele não foi libertado. Ela foi tomada de tal modo por essa visão que a superiora percebeu que algo extraordinário lhe acontecera. Marie-Denise relatou a visão, e acrescentou: «Sim, minha mãe querida! Eu vi aquela alma no Purgatório; mas, ai, quem a libertará? Talvez não saia de lá antes do Juízo Final. Ó, minha mãe!», ela prosseguiu, chorando, «quanto Deus é bom em Sua justiça! O quanto esse príncipe seguiu o espírito do mundo e as luzes da carne! Quão pouca ansiedade tivera ele por sua alma, quão pequena devoção no uso dos sacramentos!».

Merecendo o Inferno

O efeito dessa visão em Marie-Denise e em suas penitências teve tal efeito em sua saúde corporal que a Superiora a advertiu a esse respeito; mas ela respondeu que devia agora sofrer incessantemente, pois se ofereceu a Deus para alcançar algum alívio para aquela pobre alma. «E mesmo assim, minha querida mãe, estou menos comovida com o lamentável estado de sofrimento em que vi sua alma do que impressionada com o bendito momento de graça que consumou sua salvação. Aquele instante feliz parece-me um transbordamento da infinita bondade, doçura e amor de Deus. Pela ação na qual morreu, ele mereceria o Inferno. Não foi ação alguma de Deus a seu favor que lhe granjeou do Céu aquele precioso momento de graça. Foi um efeito da comunhão dos santos, pela participação que teve nas preces que lhe foram oferecidas. A divina Providência amorosamente se deixou mover por alguma boa alma, e nessa graça agiu para além de seu costume. Ah, minha mãe querida! De agora em diante devemos ensinar a todo o mundo a suplicar a Deus, a Nossa Senhora e aos santos esse instante final de graça e misericórdia para a hora da morte, e também a pavimentar o caminho para isso por meio de boas obras; pois, embora Nosso Senhor possa às vezes derrogar Sua Providência ordinária, não devemos presumir esse privilégio em nosso próprio caso. Houve muitas lutas em Israel, mas o sol nunca ficou imóvel exceto por Josué, nem retrocedeu, exceto por Ezequias. Milhões de pessoas se perderam na mesma ação em que o príncipe foi salvo. Ele teve somente um instante de vida de posse de sua mente a fim de cooperar como o precioso momento da graça; aquele momento o inspirou com uma real contrição, que o possibilitou realizar um ato de arrependimento final e verdadeiro.»

Como a superiora objetou acerca dessa visão, a boa irmã respondeu: «Minha querida mãe! Como o príncipe não perdera a fé, ele era como um fósforo pronto para se inflamar; assim, quando a faísca da graça misericordiosa tocou o centro cristão de sua alma, o fogo da caridade foi aceso e fez nascer o ato salvador. Deus fez uso do instinto que naturalmente temos de invocar a *causa primeira* quando estamos em perigo extremo de perder a vida que d'Ele retemos; e assim Ele tocou o príncipe e o levou a recorrer à graça eficaz. A graça divina é mais ativa do que podemos conceber. Não podemos piscar os olhos tão rapidamente quanto Deus pode

realizar Sua obra na alma onde Ele procura cooperação; e o momento em que a alma realiza seu ato de cooperação com a graça é quase tão breve quanto aquele em que ela a recebe; e nisso a alma experimenta o quão admiravelmente ela foi criada à imagem e semelhança de Deus».

A superiora, vendo em que profundezas misteriosas Marie-Denise estava prestes a mergulhar, a interrompeu com a observação de que o próprio Deus se ocupou por quarenta anos com os filhos de Israel, e mesmo então eles não se converteram de seus modos maus. «Verdade, minha querida mãe», respondeu a irmã, «mas então Ele jurou em Sua ira que Seu povo endurecido não deveria entrar em Seu repouso. A graça vitoriosa exigiu apenas um momento para cair sobre São Paulo e triunfar sobre seu coração. Os julgamentos e conduta de Deus são abismos que não pertencem a nós sondar; mas de uma coisa posso assegurar a senhora, que se não fosse por aquele momento único e bendito de graça, a alma do príncipe teria descido ao mais profundo dos infernos; e desde que o demônio se tornou demônio, ele, talvez, nunca tenha ficado tão desapontado em sua experimentação quanto em perder aquela presa. Pois, ele não teve o mais mínimo conhecimento da ocupação interior de sua vítima naqueles poucos segundos que a bondade divina lhe concedeu, depois de receber o golpe mortal».

Os sofrimentos de Marie-Denise pela alma do príncipe

A língua é quase incapaz de descrever os sofrimentos tanto mentais quanto corporais pelos quais Marie-Denise passou para alívio dessa alma. Madre de Chaugy[25] devota todo um capítulo a tais sofrimentos, e eles são muito parecidos aos daqueles que são lidos na vida dos santos. Depois de um longo martírio, aprouve a Deus que ela pudesse ver, numa visão, a alma sofredora do príncipe ligeiramente erguida do fundo do abismo de fogo, na posição de ser libertada pouco antes do Juízo Final, tendo sido concedido a ela o alívio *de algumas horas* de seu Purgatório. Ela suplicou a Madre de Châtel, sua superiora, que rezasse por ele; e que aquela boa mãe, consentindo nisso, não pode deixar de expressar sua surpresa de que Marie-Denise falara apenas da redução de umas poucas horas; mas a irmã respondeu: «Ah, minha mãe, é uma grande coisa que a divina misericórdia tenha começado a se deixar influenciar; o tempo não tem a mesma medida na outra vida do que tem nesta; anos de tristeza, cansaço, pobreza e grave doença neste mundo não são comparáveis a uma única hora de sofrimento das pobres almas no Purgatório!».

Eu demoraria muito para relatar todas as comunicações que Nosso Senhor se dignou a fazê-la sobre o estado daquela alma. Ao final, ela ofereceu sua vida pelo simples alívio dos sofrimentos, não a liberação, daquela alma, e isto foi aceito. Não muito antes de sua morte, quando a Superiora se expressava dizendo que certamente a alma do príncipe já estaria livre, Marie-Denise disse com grande veemência: «Ó minha mãe! Muitos anos e muitos sufrágios ainda serão necessários»; e finalmente ela morreu, e não há ainda certeza de que o príncipe tenha sido libertado, mesmo pelo sacrifício heróico que corou nove anos de sofrimentos, orações, missas, comunhões e indulgências, não apenas da parte de Marie-Denise, mas, por meio dela, da parte de muitos outros também.

Que longo comentário não poderia ser escrito sobre tudo isso! Mas os corações que amam a Deus tecerão sobre isso seus próprios comentários. Bendita seja a gloriosa majestade, por sua insaciável pureza!

Alívio da pobreza por meio do auxílio às pobres almas

Uma palavra adicional. Dentre as aflições dos corações sensíveis há uma que parece como se crescesse a cada geração no mundo. É o enorme crescimento da pobreza e desventura, e nossa própria inabilidade para aliviá-la. Não há ninguém de nós que não tenha sentido isso. Tão devastadora é a miséria, que aqueles que têm pouco a dar sentem a dor mais do que aqueles que nada têm; e aqueles que muito têm a sentem mais. Pois o dar abre o coração do homem e o faz amar tal ato, e aqueles que têm mais a dar sabem melhor quão pouco isto é em comparação com a necessidade. Contudo, tal anseio de dar esmolas vem do sagrado coração de Jesus, e ele deve ser satisfeito; e como mais bem satisfazê-lo do que dando esmolas àqueles que mais precisam delas, as santas almas do Purgatório? E todos nós podemos fazê-lo. E quanto mais poderíamos fazer, mesmo para nossos queridos pobres na terra, se recomendássemos sua causa às almas que Deus nos permitisse liberar e fizéssemos com elas uma doce barganha: que uma vez que estivessem respirando o puríssimo ar do Paraíso, elas deveriam rezar por uma abundante efusão de graça sobre os homens ricos, de modo que seus corações pudessem se abrir como os corações dos primeiros cristãos, e que eles se despojassem para dar aos pobres de Nosso Senhor.

O imenso amor de Deus

A doutrina do Purgatório, e o imenso poder colocado nas mãos dos devotos das santas almas, prova mais do que tudo como Deus planejou todas as coisas por amor, todas as coisas para nos mostrar Seu amor, todas as coisas para granjear para Si mesmo o amor de Suas criaturas. Assim também a negligência dessa devoção ilustra a ingratidão e a perversidade com que pagamos o amor de Deus, e que é um fato tão espantoso quanto este amor. Quão tocante e bela foi a descrição que Deus concedeu a Santa Gertrudes de Si mesmo e de Sua busca pelas almas! «Tal como o pobre inválido», Ele disse, «que não podia andar, tendo com dificuldade conseguido se arrastar até a luz do Sol para gozar de um pouco de calor, vê a tempestade chegar subitamente, e tem de esperar, paciente mas desapontado, por um céu mais azul – tal sou Eu. Meu amor por vós vence-Me, e Me compele a escolher permanecer entre vós na violenta tempestade de vossos pecados, esperando afinal pela calmaria de vossa emenda, e pelo tranquilo porto de vossa humildade». Bem podemos clamar com Santa Catarina de Sena: «Ó Senhor, se eu pelo menos pudesse conhecer a causa de Vosso tão grande e puro amor pelas criaturas racionais!». Mas Nosso Senhor lhe respondeu: «Meu amor é infinito, e eu não posso evitar amar o que Eu criei. A causa de meu amor não é nada além do amor propriamente dito; e ao perceber que não podes compreendê-lo, acalme-se e não procure o que nunca encontrarás!». Sobre o que a santa exclamou: «Ó amor! Aquele que Vos sente não Vos compreende, e aquele que deseja Vos compreender não consegue Vos conhecer!».

Eu teria de repetir o que já disse se fosse detalhar os vários modos em que essa devoção promove nossos três fins: a glória de Deus, os interesses de Jesus e a salvação das almas. De fato, a peculiaridade dessa devoção é sua plenitude. Ela é toda animada com vida e poder sobrenatural. Ela pulula de doutrina. Ela alcança todos os lugares e tem a ver com tudo. Estamos sempre tocando alguma mola nela oculta, que vai mais longe do que planejamos e tem mais efeitos do que esperávamos. É como se todas as cordas da glória de Deus nela se encontrassem e se apertassem, e quando uma é tocada, todas vibrem e componham a melodia de Deus, parte daquela doce canção que o sagrado coração humano de Jesus está sempre cantando no seio da mais misericordiosa trindade.



25 Madre Françoise Madeleine de Chaugy (1611-1680) foi recebida na Ordem da Visitação pela própria Santa Joana Francisca de Chantal. Ela escreveu muitas obras sobre a biografia e história dos primeiros anos da Ordem da Visitação. Seu corpo foi encontrado incorrupto dezoito meses depois de sua morte – NT.

APÊNDICE

ORAÇÕES E SÚPLICAS PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO

Dai-lhes, Senhor, o repouso eterno,
e brilhe para eles a vossa luz.

Descansem em paz! Amém. [26]

Passeios pelo Purgatório

Pelo padre Vitor Jouet, M.S.C.,[[27](#)] fundador da Associação do Sagrado Coração para Alívio e Libertação das Almas do Purgatório. Devoção aprovada pela Autoridade Competente, em rescrito da Sagrada Congregação das Indulgências em 16 de novembro de 1876. Recomendada pelo Bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina.

Esta devota prática, aconselhada por Santa Margarida Maria à suas caras noviças, para a oitava de finados, sugeriu-nos a idéia do pequeno exercício cotidiano proposto a todos neste opúsculo.

PRÁTICA COTIDIANA

(Orações para serem recitadas todos os dias)

Oração:

Ó, Santa Margarida Maria, a que Nosso Senhor escolheu para estabelecer e propagar por toda parte como uma fonte inesgotável de graças, a devoção a Seu divino coração, vós que tendes ouvido as almas do Purgatório pedir-vos este remédio novo tão salutar em seus sofrimentos, e que tendes libertado por este meio uma multidão dessas pobres prisioneiras, obtende-nos a graça de executar santamente essa piedosa prática dum passeio pelo Purgatório, em companhia do sagrado coração de Jesus rezando a novena pelas almas.

União de intenções, com os fiéis que realizam, diariamente, este santo exercício, na igreja titular da obra, situada em Lungotévere Prati–Roma. [28]

Consagração do dia:

Ó, divino coração de Jesus, ao fazer em vossa companhia este passeio pelo Purgatório, nós vos consagramos tudo o que fizemos e esperamos fazer de bem, com o socorro de vossa graça, durante este dia, e vos pedimos que apliqueis os vossos méritos em favor dessas almas sofredoras. E vós, santas almas do Purgatório, empregai ao mesmo tempo todo o vosso poder no sentido de nos obterdes a graça de viver e de morrer no amor e na fidelidade ao sagrado coração de Nosso Senhor Jesus Cristo, correspondendo, sem resistência, a seus desejos sobre nós. Amém.

Oferecimento:

Pai eterno, nós vos oferecemos o sangue, a Paixão e a morte de Jesus Cristo, as dores da Santíssima Virgem e de São José, pela remissão de nossos pecados, pela libertação das almas do Purgatório e pela conversão dos pecadores.

Invocação:

Amado seja por toda parte o sagrado coração de Jesus! Eternamente.

Nossa Senhora do sagrado coração, rogai por nós e pelos falecidos.

São José, exemplo e padroeiro dos amigos do coração de Jesus, rogai por nós e pelos falecidos.

Prelúdio: desçamos um instante, pelo pensamento, com o amor do coração de Jesus e a abundância de suas graças ao Purgatório!

1. Quantas almas vêm nesse momento iniciar aí o seu doloroso cativeiro! Como elas são felizes! Livraram-se do Inferno para sempre! Estão certas de

que chegarão à suprema felicidade! São as amigas de Deus! Estão salvas!

Como elas estão tristes! Acham-se cobertas de mil imperfeições, de muitas penas temporais devidas aos restos dos pecados perdoados, exiladas por um certo tempo de sua pátria celeste e obrigadas à purificação.

2. Que santa legião quase inteiramente purificada se prepara hoje mesmo para entrar no Céu! Felicitemo-las, demos a elas o derradeiro sufrágio que apressará em alguns instantes a sua festiva partida, digamos a elas que se lembrem de nós no reino eterno.

3. Que multidão se encontra aí encarcerada já há tempo, e que aí permanecerá ainda por longo prazo! São almas desconhecidas, almas abandonadas, almas de seculares, de religiosos, de sacerdotes, almas que nos são caras.

Contemplemo-las, ouçamos seus gemidos, dirijamos a elas uma palavra de amizade e de compaixão, prestemos-lhes assistência!

DOMINGO [29]

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me do tempo perdido.

Não o julgava nem tão precioso, nem tão rápido, nem tão irreparável... Se eu o soubesse!

Tempo precioso! Aprecio-te agora como o mereces. Tu fostes dado para empregar-te no amor de Jesus, em minha santificação, no consolo e na edificação do próximo; empreguei-te porém no pecado, no prazer, em obras que agora me causam amargos pesares! Tempo tão rápido na Terra e tão lento nesta purificação! Passava outrora como o relâmpago; minha vida fugia como um sonho; e agora as horas me parecem anos e os dias são como séculos! Tempo irreparável! Na Terra parecia jamais acabar; e a morte cortou o fio de meus dias, no momento em que menos o pensava.

Ó, tempo perdido, eis que passaste sem esperança de voltar!

Ó, vós que viveis ainda na Terra, consagrai por nós ao coração de Jesus algumas dessas horas em que a graça vos é oferecida em tão grande abundância e com tanta felicidade.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje no Purgatório por todos os meios em nosso poder, as almas daqueles que, durante sua vida, praticaram este santo exercício e recomendar-nos àquelas que neste instante sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

«Os sofrimentos das almas do Purgatório são tão grandes que os dias lhes parecem mil anos» (S. Vicente Ferrer).

Sufrágio:

Consagrar um instante honrando o sagrado coração em favor das almas do Purgatório.

Intenção particular:

Rogareis ao sagrado coração em favor da alma mais abandonada.

Motivo:

Quanto maior for a sua penúria, maior será o seu reconhecimento. Ela pedirá a Deus que não vos abandone, e não permita que jamais vos afasteis Dele pelo pecado.

Oração para o domingo:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos, pelo sangue preciosíssimo que Jesus vosso Divino Filho, derramou no Jardim das Oliveiras que liberteis as almas do Purgatório; recomendo-vos de modo muito particular a alma mais abandonada. Conduzi-a à morada da glória, a fim de que ela vos louve e bendiga durante toda a eternidade. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Divino coração de Jesus, fazei que eu vos ame sempre e cada vez mais.

SEGUNDA-FEIRA

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me dos bens dissipados.

Minha fortuna, minha saúde, meus talentos, minha posição no mundo: tudo isto poderia ter sido para mim um poderoso meio de salvação, se eu o tivesse aplicado à glória de Deus.

Quantas graças eu atrairia então sobre mim! Mas eu não quis. E todos os meus bens desvaneceram-se a meus olhos, no momento da morte. Ah! se eu dispusesse hoje desses bens perecíveis, como eu me aplicaria em adiantar um momento que fosse a minha libertação, para aumentar um grau na glória que Deus me reserva no Céu, e para fazer conhecida na terra, a mais uma alma, a devoção ao sagrado coração.

Vós que, na terra, dispondes ainda de alguma fortuna, lembrai-vos de que dela haveis de dar contas... Pensai nisto... Usai dela segundo a justiça, a piedade e a caridade. Pagai vossas dívidas para com os vivos e para com os mortos; dai generosas esmolas aos pobres; trabalhai pela glória do sagrado coração, esforçando-vos por uma piedosa liberalidade, pela difusão do seu culto até as extremidades do mundo que lhe foi inteiramente consagrado.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje no Purgatório por todos os meios em nosso poder, as almas dos fiéis chegados de todos os pontos da Europa, especialmente as de Roma, e recomendar-nos àquelas que neste momento sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

«À esmola estão abertas as portas do Paraíso» (S. João Crisóstomo).

Sufrágio:

Dar alguma esmola para o culto do sagrado coração.

Intenção particular:

Rezar pela alma mais aproximada da sua libertação.

Motivo:

Quanto mais próximo está o termo de seu sofrimento, mais a alma deseja unir-se ao sagrado coração. Removei o obstáculo. Em troca, ela pedirá para vós a graça de romper os últimos laços que vos impedem de entregar-vos inteiramente a Deus.

Oração para a segunda-feira:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos, pelo sangue preciosíssimo que Jesus, vosso divino filho, derramou em sua flagelação, que liberteis as almas do Purgatório, e sobretudo aquela que se acha prestes a entrar na glória, a fim de que ela comece desde já a bendizer-vos por toda a eternidade.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Doce coração de Maria, sede a minha salvação.

TERÇA-FEIRA

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me das graças desprezadas.

Elas me foram oferecidas em tão grande abundância, a cada instante de minha vida, com tão insistentes solicitações... Regeneração cristã pelo batismo, vocação, sacramentos, palavras de Deus, inspirações santas, bons exemplos, favores insignes de preservação do perigo, de socorro na tentação, de perdão depois da queda. Que soma incalculável de escolhidas graças!

A umas eu recusei; aceitei friamente outras; abusei da maior parte delas.

Ah! Se eu tivesse hoje, num só momento, a liberdade de estancar minha sede nas fontes de misericórdia que jorram do coração sagrado de Jesus, e que os pecadores e os indiferentes desprezam!

Escutai o que Santa Margarida Maria vos diz do alto do Céu, como nós vô-Lo dizemos: *«Não há ninguém no mundo que não experimente toda espécie de socorros, uma vez que não falte para com Jesus Cristo um amor reconhecido tal como aquele que lhe é testemunhado pela devoção ao Seu sagrado coração»*.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje, no Purgatório, por todos os meios ao vosso alcance, as almas dos fiéis vindas de todas as regiões da Ásia, e especialmente da Palestina, e recomendar-nos àquelas que neste instante sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

«O valor duma só graça é superior ao valor natural do universo inteiro» (S. Tomás).

Sufrágio:

Algumas orações em honra do sagrado coração.

Intenção particular:

Orar pela alma do Purgatório mais distanciada de sua libertação.

Motivo:

Deixai-vos tocar por sua desolação e por sua humildade em suportar seus longos sofrimentos, pois elas vos serão reconhecidas! Felizes sereis se elas vos obtiverem a humildade neste mundo, para serdes glorificados no outro.

Oração para a terça-feira:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos, pelo sangue preciosíssimo, que Jesus, vosso divino filho, derramou em sua dolorosa coroação de espinhos, que liberteis as almas do Purgatório, sobretudo aquela que deveria ser a última a sair desse lugar de tormentos, a fim de que ela não demore tanto a louvar-vos em vossa glória e a bendizer-vos para sempre. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Pai Eterno, ofereço-vos o sangue preciosíssimo de Jesus Cristo, em expiação de meus pecados, em sufrágio das santas almas do Purgatório, pelas necessidades da santa Igreja.

QUARTA-FEIRA

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me do mal cometido.

Outrora parecia-me ele tão sem importância e tão agradável! E por isso eu sufocava os remorsos em meio dos prazeres... Hoje seu peso me esmaga, sua amargura faz o meu tormento, sua lembrança me persegue e me dilacera. Pecados graves perdoados, mas não expiados; faltas leves, só muito tarde eu compreendo agora a vossa malícia!

Ah! Se eu pudesse voltar à vida... Nenhuma promessa, por fascinante que fosse, nenhuma honra, nenhum prazer, nenhuma palavra sedutora seria capaz de me incitar a cometer o pecado.

Vós que ainda tendes a liberdade de escolher entre Deus e o mundo, contemplai os flagelos, os espinhos, a cruz, que torturaram Jesus; eles vos dirão o que nossos pecados lhe custaram.

Pensai nos arrependimentos tardios e dolorosos que haveis de ter de vossas faltas no Purgatório, e nada vos custará confessar, no sacramento da penitência, todas as do passado, para sofrer no presente a pena que ainda lhes é devida, e para evitá-las no futuro.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje, no Purgatório, por todos os meios ao nosso alcance, as almas dos fiéis chegadas de todas as regiões da África, especialmente dos países outrora católicos, e recomendar-nos àquelas que neste momento sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?
(Mc 8,36; Mt 16, 26)

Sufrágio:

Um ato de contrição diante de uma imagem do sagrado coração.

Intenção particular:

Rogar pela alma mais rica em merecimentos.

Motivo:

Quanto mais ela for elevada em glória no Céu, mais eficazmente poderá obter-nos um verdadeiro amor de Deus, sem o qual não existe verdadeiro mérito.

Oração para a quarta-feira:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos pelo sangue preciosíssimo que Jesus, vosso divino filho, derramou nas ruas de Jerusalém, ao carregar uma cruz tão pesada em seus ombros sagrados, que liberteis as almas do Purgatório, e mui especialmente aquela que for mais rica em merecimentos diante de vós, a fim de que, elevada ao lugar sublime que espera, ela vos louve e bendiga para sempre. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Jesus, Maria, José, eu vos dou meu coração, minha alma e minha vida. Jesus, Maria, José, assisti-me na última agonia. Jesus, Maria, José, morra eu tranqüilamente na vossa santa companhia. Amém.

QUINTA-FEIRA**PRÁTICA COTIDIANA****Colóquio:**

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me dos escândalos dados.

Se, ao morrer, eu tivesse podido eliminar as tristes conseqüências de meus escândalos! Se eu pudesse deter daqui, no declive do abismo, tantas pobres almas que seguem meus tristes exemplos e meus maus ensinamentos! Mas não é possível, e por minha culpa ainda se comete o mal e isto se dará durante anos, séculos, e me são exigidas contas da parte que me cabe sobre todos os pecados de que me fiz a causa. Se me fosse permitido fazer chegar minha palavra insistente até as extremidades da terra, e percorrer como missionário o mundo inteiro, como esforçar-me-ia para desviar as almas do vício e conduzi-las à virtude!

Vós que vindes visitar-me em minha prisão tenebrosa, e que fazeis brilhar a meus olhos um raio de luz, possuíis no sagrado coração o meio mais seguro e mais fácil, cooperando com a sua graça, reproduzindo suas virtudes, animando-vos de seu zelo de converter muitas almas, em número maior ainda do que o número daquelas às quais escandalizei.

PRÁTICAS PIEDOSAS**Resolução:**

Socorrer hoje, no Purgatório, por todos os meios ao nosso alcance, as almas dos fiéis chegadas de todas as regiões da América, especialmente aquelas das regiões missionárias e que começam a receber as luzes da fé, e recomendar-nos àquelas que neste momento sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

«A cada um segundo as suas obras» (Rm 2,6).

Sufrágio:

Fazer hoje algum gesto de caridade em louvor ao sagrado coração.

Intenção particular:

Orar pela alma mais devota do Santíssimo Sacramento.

Motivo:

Ela pedirá por vós a graça de recebê-Lo dignamente na hora da morte, como penhor de vossa salvação eterna.

Oração para a quinta-feira:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos pelo corpo adorável e pelo sangue preciosíssimo de vosso divino filho, Jesus, que, na véspera de sua Paixão, deu-se a si mesmo como comida e como bebida a seus apóstolos, e deixou ainda a toda sua Igreja um sacrifício perpétuo, e a seus fiéis um alimento vivificante, que liberteis as almas do Purgatório e mui especialmente a mais devota deste mistério de amor infinito, a fim de que ela vos louve por vosso divino filho, em união com o Espírito Santo, na mansão de vossa glória, durante toda a eternidade. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Ó, meu bom Jesus, misericórdia.

SEXTA-FEIRA

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me da penitência omitida.

Como ela teria sido fácil, ontem, no mundo! Como ela é penosa, hoje, no Purgatório! Aqui o menor dos meus sofrimentos está acima das maiores dores da terra. Lá eu não teria então outra coisa a fazer senão aceitar com resignação o trabalho, a dor, a contradição; privar-me de alguns bens supérfluos, para com eles ajudar os pobres; praticar obras satisfatórias; fazer uso das práticas de piedade.

Que poderia haver de mais fácil?! Ah! Se Deus me permitisse voltar à terra, nenhum regulamento me pareceria exigente demais, nenhum martírio me causaria terror. Não haveria para mim senão suavidade nas mais rigorosas penitências, ante a idéia deste grande sofrimento, que eu evitaria por meio delas. Vós que sofreis nesse vale de lágrimas, alegrai-vos: a mais leve pena cristãmente suportada em vista de vossos pecados, para satisfazer à justiça de Deus, e oferecida ao sagrado coração em espírito de reparação, pode poupar-vos um longo e penoso Purgatório.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje, no Purgatório, por todos os meios ao nosso alcance, as almas dos fiéis vindas dos confins longínquos da Oceania, principalmente as das missões católicas mais provadas, e recomendar-nos àquelas que neste momento sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

Fazer dignos frutos de penitência.

Sufrágio:

Uma pequena penitência para alívio das almas do Purgatório.

Intenção particular:

Orar pelas almas pelas quais tendes mais obrigação de rezar.

Motivo:

É um dever vosso. E, se, a respeito dessas almas, tiverdes alguma obrigação de justiça, não adieis mais; do contrário atraireis sobre vós a justiça divina.

Oração para a sexta-feira:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos pelo preciosíssimo sangue que Jesus, vosso divino filho, derramou num dia idêntico a este na árvore da cruz, sobretudo pelas chagas de suas mãos e de seus pés sagrados, que liberteis as almas do Purgatório, e de modo particular aquela pela qual estou mais obrigado a orar, a fim de que não seja por minha culpa que vós não a

introduzireis imediatamente no seio de vossa glória, e para que ela vos louve e vos bendiga para sempre. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor * mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao VOSSO.

SÁBADO

PRÁTICA COTIDIANA

Colóquio:

– *De que te arrependes, santa alma do Purgatório? Que fizeste na terra que deixaste?*

– Arrependo-me da pouca caridade que tive na terra para com as almas do Purgatório.

Poderia ter-lhes sido tão útil durante minha vida. Orações, penitências, esmolas, boas obras, comunhões, santas missas, devoção ao sagrado coração; de quantos meios eu dispunha para consolar estas pobres almas, retidas como prisioneiras nesta morada de trevas e sofrimentos!

Se eu tivesse utilizado bem desses meios, teria alcançado para mim graças poderosas para evitar o pecado e para ir diretamente ao Céu; teria ao menos merecido um Purgatório mais ameno, mais rápido, e também teria maior participação no fruto das orações que de toda parte se oferecem por nós.

Ah! Se eu pudesse voltar à terra, ninguém seria mais devotado do que eu às almas sofredoras! De quantas missas participaria e quantas faria celebrar por

elas! Quantas orações encaminharia aos céus em favor delas! Que esforços não faria para suscitar em seu favor a compaixão de todos!

O que eu não fiz, quando podia, vós, almas cristãs, não deixeis de fazê-lo enquanto ainda tiverdes tempo.

PRÁTICAS PIEDOSAS

Resolução:

Socorrer hoje, no Purgatório, por todos os meios ao nosso alcance, as almas dos fiéis vindas da Austrália, particularmente da Papua, e recomendar-vos àquelas que neste momento sobem ao Céu.

Ramalhete espiritual:

É justo que nós sofram neste mundo.

Sufrágio:

Propagai esta novena e as almas ser-vos-ão reconhecidas.

Intenção particular:

Orar pela alma mais devota da Santíssima Virgem.

Motivo:

Dar a maior alegria à Maria Santíssima que inclinando-se às orações por esta alma, obter-vos-á a graça de uma verdadeira devoção ao sagrado coração de Jesus.

Oração para o sábado:

Ó, Senhor, Deus onipotente, suplico-vos pelo preciosíssimo sangue que jorrou do lado de Jesus, vosso divino filho, à vista de sua Mãe Santíssima, mergulhada numa extrema dor, que liberteis as almas do Purgatório, e em particular àquela que foi mais devota dessa grande Rainha, a fim de que ela seja admitida o quanto antes em vossa glória e possa louvar-vos por todos os séculos. Amém.

Pai nosso,

Ave Maria,

De profundis (Salmo 129)

Das profundezas eu clamo a vós, Senhor, * escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos * ao clamor da minha prece! Se levardes em conta nossas faltas, * quem haverá de subsistir? Mas em vós se encontra o perdão, * eu vos temo e em vós espero, Senhor.

No Senhor ponho a minha esperança, * espero em sua palavra. A minh'alma espera no Senhor * mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor *

mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça * e copiosa redenção. Ele vem libertar a Israel * de toda a sua culpa.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. * Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Oração jaculatória:

Ó, Maria, que entrastes no mundo sem mancha, alcançai-me de Deus, eu vô-lo suplico, que eu possa sair do mundo sem pecado. Amém.



26 «Indulgência parcial aplicável somente às almas do Purgatório» – (*Enchiridion Indulgentiarum*, 46).

27 Padre Jouet, dos Missionários do Sagrado Coração, fundados pelo servo de Deus Pe. Júlio Chevalier, inspirador da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Também as santas almas do Purgatório tiveram grande devoção neste instituto, e no Brasil fundaram duas igrejas: um Santuário das Almas, em Niterói-RJ e outro em São Paulo-SP.

28 Na Igreja do Sagrado Coração do Sufrágio, em Roma.

29 Aqui, apresentamos as sete meditações, para os sete dias da semana, mas os que desejarem podem fazê-las nos dias da oitava de finados, do dia 2 de novembro até o dia 9 de novembro. «Ao fiel que visitar devotamente um cemitério e rezar, mesmo em espírito, pelos defuntos, concede-se indulgência aplicável somente às almas do purgatório. Esta indulgência será plenária, cada dia, *de 2 a 9 de novembro*; nos outros dias do ano será parcial» (*Enchiridion Indulgentiarum*, 13). Recordar-se que no *dia 2 de novembro*, «concede-se indulgência plenária, aplicável somente às almas do purgatório, aos fiéis que no dia da comemoração de todos os fiéis defuntos visitarem piedosamente uma igreja ou oratório» (*Enchiridion Indulgentiarum*, 67).

«Ó MEU DEUS, PAI DE TODAS AS ALMAS, EU, EM UNIÃO COM OS
MERCIMENTOS DE JESUS E MARIA, VOS OFEREÇO, PELAS
ALMAS DO PURGATÓRIO, TODAS AS INDULGÊNCIAS QUE POSSA
GANHAR, ASSIM COMO TODAS AS OBRAS SATISFATÓRIAS QUE
FIZER DURANTE A MINHA VIDA, E TODAS AQUELAS QUE FOREM
OFERECIDAS PARA MIM NA VIDA E DEPOIS DA MORTE.

DIGNAI-VOS, SENHOR, ACEITAR ESTA OFERTA PELO AMOR QUE
TENDES ÀQUELAS ALMAS QUE CRIASTES PARA O CÉU, PELAS
QUAIS O VOSSO DIVINO FILHO VOS OFERECEU O SEU
PRECIOSÍSSIMO SANGUE, E QUE AGORA ESTÃO SOFRENDO
TANTAS PENAS NO FOGO DO PURGATÓRIO. ASSIM O ESPERO NA
VOSSA INFINITA MISERICÓRDIA. ASSIM SEJA».

— ATO HERÓICO DE CARIDADE EM
FAVOR DAS ALMAS DO PURGATÓRIO.



PADRE F. W. FABER — 1814 – † 1863

O Purgatório – Padre Frederick William Faber
Publicado no Brasil; 1ª edição – novembro de 2013 – CEDET

A fonte desta tradução é a edição de *All for Jesus: The Easy Maps to Divine Love*, do Padre Faber, publicado pela John Murphy & Co., Baltimore, EUA, 1855, com sanção e correção do autor.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Ângelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 - Campinas - SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Conselho editorial:

Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Diogo Chiuso
Silvio Grimaldo de Camargo

Imagem da capa:

tela de Lodovico Carracci – Um anjo liberta as almas do Purgatório; c. 1610, Pinacoteca do Vaticano.

Editor:

Diogo Chiuso

Tradução:

Antônio Emílio Angueth de Araújo

Notas complementares:

José Eduardo Câmara de Barros Carneiro

Revisão:

Silvia Elisabeth da Silva

Revisão de prova:

Thomaz Perroni

Capa e diagramação:

J. Ontivero

Desenvolvimento de eBook

Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

Ficha Catalográfica

Faber, Frederick William

O Purgatório [recurso eletrônico] / Padre F. W. Faber; tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo – Campinas, SP: Ecclesiae, 2013.

Título Original: *Purgatory*

eISBN: 978-85-63160-72-0

1. Purgatório 2. Catolicismo I. Padre Faber II. Título.

CDD – 236.5

Índice para Catálogo Sistemático

1. Purgatório – 236.5

2. Catolicismo – 282

SOBRE O AUTOR E A OBRA

O Pe. Frederick William Faber teve sua alma providencialmente temperada por um grande afã de servir a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Sua esposa fiel, a santa Igreja, e ao mesmo tempo pela virtude da religião, cujo exercício heróico – em toda sua vida – produziu frutos de piedade e grande devoção, levou muitos à conversão e despertou muitas vocações.

Um dos dogmas da nossa fé que mais ataques sofreu desde a revolução protestante, e que hoje anda extremamente diluído, como que relegado à poeira das prateleiras menos consultadas das bibliotecas, esquecido e silenciado: eis o Purgatório.

Em que consiste, qual seu fim, sua origem, importância e lugar em nossa fé e em nossa vida de fé, e ainda na vida quotidiana, disso tudo tratará o nosso autor nas páginas deste livro.

E exatamente porque fomos criados para adorar a Deus, salvar a nossa alma e cooperar com Ele, para sua maior glória, na salvação das almas dos pecadores, além de estar ciente de que a porta e o caminho que nos conduzem a este fim são estreitos, o próprio Padre Faber disse sobre este seu livro: «não proponho o que é perfeito, mas aquilo o que é fácil».

Portanto, não se trata dum tratado de escatologia, mas de um lembrete da nossa fé, de um alimento para a nossa esperança e estímulo à caridade e à verdadeira devoção. Esta obra é um ato contra o desespero, portanto, «consolai-vos uns aos outros com estas palavras» (1Ts 4,18).

— Pe. Fabiano Micali, d'Oratório